

UMA TURMA, UMA ORQUESTRA

A PRÁTICA EM CONJUNTO

Diogo Emanuel Chagas da Cunha Sargedas
a2019106837

**Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de
Educação Musical no Ensino Básico**

Novembro, 2021



Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, realizado sob a orientação científica do Professor Doutor João Nogueira, Professor auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Professora Doutora Isabel Figueiredo, Professora auxiliar convidada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

DECLARAÇÃO

Declaro que este Relatório de Estágio é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes citadas estão devidamente mencionadas no texto e nas referências bibliográficas.

O candidato

Lisboa, de de 2021

Declaro que este Relatório de Estágio se encontra em condições de ser apresentado a provas públicas:

O orientador:

Lisboa, de de 2021

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Cooperante, do local de estágio, pelo acompanhamento, apoio e disponibilidade ao longo do ano letivo.

À comunidade escolar do local de estágio, incluindo-se os alunos, funcionários e professores, por todas as vivências que me proporcionaram ao longo deste ano letivo.

Às minhas colegas de mestrado, agradeço as palavras de incentivo e apoio essencial desde o início ao fim deste percurso, em especial à Beatriz Azinhaes, que nesta reta final, em muito me ajudou com incentivos e orientações fundamentais para concluir esta etapa.

À minha família por estarem presentes em todos os momentos e por tudo o que fizeram por mim.

Por fim, um agradecimento especial à minha companheira, pelo apoio incondicional, presença, dedicação e acima de tudo pelo incentivo determinante nos momentos em que teria sido mais fácil desistir.

“Minha alma é uma orquestra oculta; não sei que instrumentos tigem e rangem, cordas e harpas, timbales e tambores, dentro de mim. Só me conheço como sinfonia.”

Fernando Pessoa (Bernardo Soares)

in Livro do Desassossego

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as crianças.

RESUMO

UMA TURMA, UMA ORQUESTRA

A PRÁTICA EM CONJUNTO

Diogo Emanuel Chagas da Cunha Sargedas

O presente relatório foi elaborado no seguimento da Prática de Ensino Supervisionada realizada no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico. Nele, procuro descrever de um modo reflexivo e crítico, as atividades desenvolvidas ao longo do estágio realizado no ano letivo de 2020/2021.

Com este relatório, pretendo evidenciar as potencialidades da disciplina de Educação Musical no crescimento e evolução dos alunos. Tendo por base a experiência da Prática de Ensino Supervisionada, bem como de outras experiências profissionais vividas no decorrer da minha prática letiva (em paralelo à frequência do estágio), realço alguns dos aspectos que considero fundamentais para incutir nas turmas um espírito de grupo coeso e focado na obtenção dos objetivos propostos à semelhança de uma Orquestra. Utilizando as diversas práticas musicais disponíveis, em prol das valências e pretensões demonstradas pelos alunos, procurei primeiramente despertar-lhes a curiosidade e o interesse pela disciplina e pelas suas potencialidades, de modo a que a aquisição de conhecimentos fosse efectuada com gosto e não por obrigação. Já com os níveis de interesse dos alunos pela disciplina mais elevados, recorri sobretudo a exercícios e atividades práticas (sempre que possível em grupo) para a transmissão de conhecimentos teóricos inerentes à disciplina, reforçando o espírito de grupo a cada dificuldade apresentada na execução dos exercícios.

O relatório está dividido em três capítulos. Sendo que o primeiro se dedica à contextualização do ensino da música em Portugal, o segundo capítulo apresenta uma contextualização da prática letiva (incluindo a caracterização da escola onde se realizou o estágio) e no último capítulo, descreve de forma fundamentada, a Prática de Ensino Supervisionada nas componentes de observação e lecionação de aulas.

Palavras-Chave: Educação Musical, Prática Musical Diversificada, Prática Musical em Conjunto, Flexibilidade Curricular.

ABSTRACT

A CLASS, AN ORCHESTRA

PRACTICAL TOGETHER

Diogo Emanuel Chagas da Cunha Sargedas

This report was prepared following the Supervised Teaching Practice carried out within the scope of the Master in Music Education Teaching in Basic Education. In it, I try to describe, in a reflective and critical way, the activities developed during the internship carried out in the academic year 2020/2021.

With this report, I intend to highlight the potential of the Music Education discipline in the growth and evolution of students. Based on the experience of Supervised Teaching Practice, as well as other professional experiences lived during my teaching practice (in parallel to the internship frequency), I highlight some of the aspects that I consider essential to instill in the classes a cohesive group spirit and focused on achieving the proposed objectives similar to an Orchestra. Using the various musical practices available, in favor of the skills and intentions demonstrated by the students, I first sought to awaken their curiosity and interest in the discipline and its potential, so that the acquisition of knowledge was carried out with pleasure and not by obligation. With higher levels of student interest in the subject, I resorted to exercises and practical activities (whenever possible in groups) for the transmission of theoretical knowledge inherent to the discipline, reinforcing the group spirit with each difficulty presented in the execution of the exercises.

The report is divided into three chapters. Since the first is dedicated to the contextualization of music teaching in Portugal, the second chapter presents a contextualization of teaching practice (including the characterization of the school where the internship took place) and in the last chapter, it describes, in a reasoned manner, the Teaching Practice Supervised in the observation and teaching components of classes.

Key words: Music Education, Diversified Music Practice, Group Music Practice, Curriculum Flexibility.

Índice

Introdução	1
1. A Educação Musical em Portugal	4
1.1 Contextualização	4
1.2 Princípios Orientadores e Objetivos da Educação Musical no 2º Ciclo	6
2. Fundamentação Teórica.....	8
2.1 Prática em Conjunto.....	8
2.2 Gestão de Conteúdos.....	9
3. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada	12
3.1 A Escola e o Projeto Educativo	12
3.2 A Sala de Educação Musical - Recursos e Materiais	14
3.3 Unidade de Educação Especial	15
4. Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada	16
4.1 Aulas Observadas	17
4.2 Outros Contextos de Observação	25
4.3 Aulas Lecionadas	27
4.4 Outros Contextos de Lecionação	41
5. Conclusão	47

6. Referências Bibliográficas	49
--	-----------

7. Anexos	52
------------------------	-----------

Anexos

Anexos A. Documentos relativos à P.E.S	53
---	-----------

Anexo A1. Espiral de Conceitos	54
--------------------------------------	----

- Anexo A2. Organizadores das Aprendizagens Essenciais 55
- Anexo A3. Áreas de competências do Perfil dos Alunos (ACPC) 58
- Anexo A4. Esquema conceitual do Perfil dos Alunos 59
- Anexo A5. Modelo de níveis de reflexão de Korthagen 60
- Anexo A6. Critérios de Avaliação 61
- Anexo A7. Planificação Anual 5º ano – 1º Período 62
- Anexo A8. Planificação anual 5º ano – 2º Período 64
- Anexo A9. Planificação Anual 5º ano – 3º período 66

Anexo B. Material de apoio às aulas lecionadas	68
---	-----------

- Anexo B1. Planificação da Aula nº 1 69
- Anexo B2. Apresentação de Carvanal – PowerPoint 70
- Anexo B3. Planificação da Aula nº 2 78
- Anexo B4. Planificação da Aula nº 3 79
- Anexo B5. Planificação da Aula nº 4 80
- Anexo B6. Planificação da Aula nº 5 81
- Anexo B7. Planificação da Aula nº 6 82
- Anexo B8. «Gimme hope, Jo'anna» 83

Introdução

O presente relatório foi realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado de Ensino da Educação Musical no Ensino Básico, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Neste trabalho procurei refletir sobre a experiência da Prática de Ensino Supervisionada que teve lugar num estabelecimento de ensino do concelho de Sesimbra, no ano letivo de 2020/2021. Nas atividades que propus e desenvolvi com os alunos ao longo deste estágio, procurei dar especial atenção à componente prática, (tanto individual como de conjunto) diversificando a fonte sonora consoante o gosto e as aptidões demonstradas pelos alunos no decorrer das aulas observadas, obtendo assim de cada turma um grupo coeso e diversificado tendo como base as valências individuais em prol dos objetivos coletivos.

Assim, com o título “Uma turma, uma orquestra” procuro evidenciar os ideais que me conduziram no decorrer deste estágio e que considero fundamentais no Ensino da Música em contexto escolar no Ensino Básico. Sendo as aulas da disciplina de Educação Musical para muitas crianças a única possibilidade de contactar com a prática musical e tendo em conta a curta duração das mesmas, visto que apenas decorrem durante dois anos, (em grande parte dos estabelecimentos de ensino portugueses) é necessário que o professor consiga promover o interesse e o gosto pela disciplina num curto espaço de tempo.

Estruturando e planeando as atividades de forma a rentabilizar o potencial individual dos alunos, direcionando-o para os interesses da turma e da disciplina, procurei obter de cada um, o máximo de interesse e empenho nas tarefas que atribuídas e demonstrar-lhes que tal como acontece numa orquestra, se cada um der o melhor de si, o resultado do grupo será certamente mais elevado.

Ainda que considere a componente teórica fundamental na aprendizagem musical, acredito que numa fase inicial, a prática diversificada oferece aos alunos uma maior variedade de possibilidades para despertar o interesse e a curiosidade pela disciplina, tornando-se assim mais fácil ao professor, introduzir os conteúdos teóricos em simultâneo com atividades práticas em que os alunos evidenciam maior domínio. Em suma, tendo por base os princípios do Ensino da Música, procurei privilegiar as componentes práticas como a

Composição, Audição e Interpretação, para motivar e gerar interesse nos alunos com o intuito de atingir em grupo e com gosto, os objetivos pretendidos pela disciplina.

Estes objetivos visam percorrer um conjunto de doze níveis organizados em espiral, onde a aprendizagem é realizada de forma cumulativa e evolutiva. Em cada um dos níveis, os conteúdos estão divididos em cinco conceitos específicos: o Timbre, a Dinâmica, o Ritmo, a Altura e a Forma, que vão sendo complementados à medida em que cada um dos doze níveis são atingidos.

Esta opção de complementar a minha formação académica com um mestrado em educação musical, surge como consequência da minha formação musical e da experiência profissional até à data. Iniciei os meus estudos no ano de 2000 na Escola Profissional de Música e Artes de Almada, na classe de Piano contudo, foi na Escola Profissional de Artes da Beira Interior que concluí o Curso de Instrumento mas na variante de Percussão Clássica no ano de 2006. No ano de 2008, ingressei na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo no Curso de Jazz, variante de Vibrafone, mantendo sempre em paralelo uma via profissional mais direcionada para a vertente clássica, tanto enquanto músico de orquestra como na área da docência da percussão clássica em Academias de Música, Escolas Profissionais e Conservatórios de Música. Ao privilegiar o lado profissional, o académico acabou prejudicado e foi no ano de 2019 que terminei a licenciatura, já na Escola Superior de Música de Lisboa. De seguida propus-me a este mestrado com o intuito de adquirir mais conhecimentos na área da Educação. A licenciatura em Música forma músicos e não professores, e mesmo com mais de uma década de experiências profissionais na docência, senti a necessidade de explorar outros domínios adjacentes a esta profissão.

Ao frequentar o Mestrado em Ensino da Música no Ensino Básico, tive a oportunidade de contactar com as metodologias de vários pedagogos musicais, as quais eram para mim desconhecidas na sua grande maioria. Este fator despertou em mim novas questões, que motivaram novos interesses, originando por sua vez novos objetivos, tanto profissionais como pessoais. Já a Prática de Ensino Supervisionada permitiu-me uma vasta partilha de experiências. Para além das aulas observadas e lecionadas, o contacto e a presença na escola, permitiu-me tomar conhecimento de diversos fatores inerentes à prática da docência no ensino público que difere das práticas que presenciei nas escolas de ensino especializado da música.

Ao longo do estágio procurei aplicar muitos dos ensinamentos adquiridos durante a minha formação como músico. Privilegiar o gosto por “fazer música” independentemente da fonte sonora utilizada e sempre que possível fazê-lo em grupo, daí o título do relatório.

A partir destas experiências e orientações no contexto de estágio e mestrado, aliadas à minha experiência pessoal e profissional anterior, foi-me possível refletir e sistematizar a forma que considero ser a mais indicada para desenvolver a minha prática de ensino.

O relatório irá dividir-se em três capítulos. O primeiro apresenta uma contextualização do ensino da música em Portugal e dos objetivos e conteúdos da disciplina de Educação Musical no 2º ciclo. O segundo capítulo refere-se à contextualização do estabelecimento de ensino onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada. No terceiro capítulo descrevo alguns aspetos da Prática de Ensino Supervisionada, como as aulas observadas e lecionadas. Neste capítulo faço ainda referência a aulas observadas na Unidade de Ensino Especial e ao período em que as aulas decorreram com recurso a plataformas virtuais face ao estado pandémico vivido por todo o mundo. Em anexo é possível consultar as planificações das aulas lecionadas.

1. A Educação Musical em Portugal

1.1 Contextualização

Em 1835 Almeida Garrett cria em Lisboa o primeiro Conservatório, sendo durante 80 anos, o único local onde se realizou o ensino de música de forma sistemática. Em 1878, é introduzido no ensino primário o canto coral, ficando em vigor até 1973, ano em que é substituído numa reforma educativa por um sistema de Educação Musical sustentado em conceitos que privilegiam a prática musical, defendendo que a mesma deve preceder a teoria. Neste processo destaca-se também a importância da Fundação Calouste Gulbenkian e a APEM (Associação Portuguesa de Educação Musical) na implementação do mesmo. Contudo, segundo Graça Mota (2014), foi em 1974 com a implementação da República que se deu a grande mudança no Ensino da Música em Portugal e em 1986 com a publicação da Lei de Bases do sistema educativo, que ocorreram as mudanças mais significativas na Educação Musical, através da criação de cursos de formação de professores de Educação Musical nas Escolas Superiores de Educação dos Institutos Politécnicos.

Nas últimas décadas do séc. XX, com a influência do pensamento de vários autores, concluiu-se que o currículo da disciplina de Educação Musical deveria ser construído em torno das áreas de Audição, Interpretação e Composição, e ter em conta as experiências musicais dos alunos. Segundo Mota (2014), com a publicação das Competências Essenciais do Currículo Nacional do Ensino Básico (Portugal, 2001) tornou-se clara a importância que a Música deveria assumir no currículo. Ainda que continue a ser usado como referência pelos professores de música do Ensino Básico, este documento foi revogado pelo Ministério da Educação em 2011.

No Ensino Básico a Educação Musical está presente do seguinte modo: no 1.º ciclo, a música não é trabalhada de forma sistemática, estando a cargo dos professores generalistas com pouca formação nesta área. A partir de 2006, todavia, o Ministério da Educação ofereceu a Educação Musical como disciplina extracurricular para este ciclo. No 2.º ciclo, a disciplina é lecionada por um professor especialista e ocupa uma carga letiva de até 3 horas semanais. Já no 3.º ciclo, a música só surge em algumas escolas e de acordo com a disponibilidade de horário e a existência de um professor de Educação Musical habilitado.

Na última reforma Curricular (Portugal 2012) a música foi erradicada como disciplina no 9.º ano e no ensino secundário surge apenas como opção num reduzido número de estabelecimentos de ensino.

1.2 Princípios Orientadores e Objetivos da Educação Musical no 2º

Ciclo

Os princípios orientadores da disciplina de Educação Musical no 2.º ciclo encontram-se no documento “Programa de Educação Musical – Organização Curricular e Programas” (1991), tendo como base o Manhattanville Curriculum Project, proposta baseada na Teoria da Estrutura de Jerome Bruner. Este documento refere que a Música constitui-se como disciplina e que tem como um dos seus objetivos fundamentais, o desenvolvimento do pensamento musical dos alunos, através da compreensão de conceitos musicais, os quais se adquirem a partir de elementos básicos.” (p. 214)

O programa da Educação Musical do 2.º ciclo apresenta como finalidades contribuir para a educação estética, desenvolver a capacidade de expressão e comunicação, sensibilizar para a preservação do património cultural, contribuir para a socialização e maturação psicológica bem como para desenvolver o espírito crítico.

Os objetivos do programa definem-se em três domínios inter-relacionados: o domínio das atitudes e valores, em que o aluno desenvolve uma atitude crítica e atribui um valor qualitativo à música; o domínio das capacidades, que engloba o desenvolvimento da motricidade, memória auditiva e regras de comunicação oral e escrita; e por fim, o domínio dos conhecimentos, em que o aluno adquire conceitos musicais e os consegue identificar em diferentes repertórios.

O programa deixa em aberto a possibilidade de ser adaptado de acordo com a sensibilidade do professor, a realidade do meio e as competências dos alunos.

Os conteúdos da disciplina são organizados por doze níveis em espiral, em que a aprendizagem é realizada de forma cumulativa e evolutiva. Em cada nível da espiral os conteúdos estão divididos pelos seguintes conceitos: Timbre, Dinâmica, Ritmo, Altura e Forma. A Composição, Audição e Interpretação são as três grandes áreas de trabalho sugeridas. Para tal, considera-se essencial o desenvolvimento de três competências musicais: a memória auditiva, a motricidade e os processos de notação musical convencional e não convencional.

No que diz respeito à avaliação, o documento sugere que esta se baseie na observação sistemática do aluno relativamente ao domínio das atitudes, valores, capacidades e conhecimentos (p.227).

2. Fundamentação Teórica

Neste capítulo, apresento os conceitos e aspetos teóricos que sustentam e fundamentam o presente relatório. Evidenciando os pareceres de vários autores, procuro de um modo mais teórico, sustentar as ideias e opiniões que irei relatar no decorrer deste trabalho.

Vendo no trabalho em conjunto e na gestão de conteúdos por parte do professor (de modo a obter um maior aproveitamento dos alunos), como os dois pilares de sustento para uma prática letiva cativante e motivadora, procurei fundamentá-los com pareceres credíveis, adicionando assim a uma experiência que se pretendia acima de tudo prática, uma fundamentação teórica solidificada.

2.1 Prática em Conjunto

«Orquestra, deriva da palavra grega orkhēstra que significa lugar para dançar.» (Bennett, 1985, p 9).

«Na Grécia, durante o século V, era o local situado em frente à área principal de representação e que se destinava às representações do Coro que cantavam e dançavam. Ficavam ali também os instrumentistas. Hoje em dia usamos a palavra Orquestra para indicar um conjunto de instrumentistas das várias famílias, nomeadamente das cordas, dos sopros e da percussão, que executam simultaneamente uma obra.» (Bennett, 1985, p 9).

Cada época teve o seu tipo de Orquestra, correspondente não só às diversas estruturas musicais, mas também às necessidades expressivas de determinado momento histórico, sem esquecer que os aperfeiçoamentos sucessivos introduzidos nos instrumentos constituíram ainda um fator importante na evolução dos organismos orquestrais (Bennett, 1985, p 10).

Os compositores modernos - do século XX - continuaram o mesmo processo, trazendo à Orquestra novos e mais refinados elementos de cor e de dinamismo, explorando mais profundamente as possibilidades expressivas dos instrumentos. Contudo, esboça-se ao mesmo tempo uma tendência oposta, que se situa no emprego de pequenas formações instrumentais, abandonando o gigantesco orquestral romântico e regressando em certa medida à orquestra concertante do período barroco (Griffiths, 1987)

Citando Boal Palheiros, na perspetiva de Hallam (2010), «a participação em atividades musicais de grupo, promove aspetos como a amizade, competências sociais, autoconfiança, sentimento de pertença, trabalho de equipa, autodisciplina, responsabilidade, sensação de um objetivo em comum, respeito e confiança nos pares.» No entanto, Pereira et

al. (2011), defende que «mesmo expondo os alunos a atividades musicais, não irá resolver todos os problemas, pois o prazer na realização de uma atividade depende de diversos fatores individuais como o gosto pessoal, a familiaridade com a música, o humor do indivíduo no momento e a sua personalidade, significando que nem todos os alunos se irão envolver da mesma forma em todas as atividades». Para Boal Palheiros, a música tem o potencial “para aumentar a capacidade de interação social”, e, seja do agrado dos alunos ou não o conteúdo musical, uma atividade conjunta pode estimular novas interações entre pares, exercendo uma forte influência no desenvolvimento de características intrapessoais, sendo que a música “desempenha um papel claro na formação e na expressão da auto identidade" (Hargreaves, 1999). (Boal Palheiros, 2014, p 170).

«A musicalização/iniciação instrumental através do ensino colectivo, pode dar acesso a um maior número de pessoas à educação musical.» Esta autora afirma ainda que «o ensino colectivo é uma importante ferramenta para o processo de democratização do ensino musical.» (Cruvinel, 2005, p 19).

2.2 Gestão de Conteúdos

Tendo por base art.º 10.º-A, da SECÇÃO II, do CAPÍTULO II, do Decreto de Lei nº 41/2012, compete ao professor “Organizar e gerir o processo de ensino-aprendizagem, adotando estratégias de diferenciação pedagógica suscetíveis de responder às necessidades individuais dos alunos”; que, reconhece autonomia ao professor em gerir o programa, mas estabelece limites a essa autonomia, quando exige “Assegurar o cumprimento integral das atividades letivas correspondentes às exigências do currículo nacional, dos programas e das orientações programáticas ou curriculares em vigor».

«O educador deve, com efeito, ter em conta as potencialidades do aluno e, por consequência, a natureza dos elementos.» (Willems, 1970, p 205).

“A música está cada vez mais presente no dia a dia, no entanto, há muito menos música a ser realizada informalmente, de forma participativa e ativa dentro dos seios familiares ou sociais" (Rodrigues & Rodrigues, 2014, p 170).

«Nos dias de hoje, a música está presente na vida dos jovens de forma constante, seja nos jogos, na televisão ou nos telemóveis, mas a vivência destes com a música é escassa. Observa-se ainda uma discrepância relativamente ao repertório musical trabalhado em contexto de sala de aula e à música que os jovens ouvem, para eles, o conceito de música cinge-se à “sua” música e ao que os media divulgam, sendo que associam a música erudita à escola e aos professores, o que acaba por criar nos jovens uma ideia negativa relativamente ao ensino da música.» (Boal-Palheiros, citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014, p 170).

“O problema é que, muito frequentemente, a música no ensino genérico nada tem de apelativo, lúdico ou ajustado à ideia de fruição” (Rodrigues, Nogueira & Rodrigues, conforme citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014, p 171).

«Com a criação de turmas cada vez maiores, é mais fácil seguir o manual e ceder ao ensino tradicional, ao invés de criar atividades desafiantes que permitam aos alunos vivenciar a música através do movimento. Isto compromete a forma de ensino na ótica da aprendizagem do aluno. (Rodrigues, Nogueira & Rodrigues, conforme citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014, p 171)

«Seguir o manual à risca não permite ao professor ser flexível relativamente ao que os alunos querem aprender ou à forma como eles aprendem.» Este aspeto vai contra a filosofia de ensino proposta por Gordon que pretende descentralizar o ensino do docente, focando-se no que o aluno tem para aprender, ou seja, a educação não deve estar centrada no que o professor tem para ensinar, mas sim no processo de aprendizagem do aluno. (Rodrigues, conforme citado em Rodrigues, Rodrigues & Nunes, 2003, p 23).

Ser professor de Educação Musical tem alguns desafios, como qualquer profissão. No entanto, neste caso, a desvalorização do trabalho dos professores é notória, não só pelos alunos e pelas respetivas famílias, como na sociedade. (Gordon, conforme citado em Rodrigues, Rodrigues & Nunes, 2003, p 23).

Não existe nenhuma entidade genérica a que se possa dar o nome de professor eficiente. A eficiência do ensino deve antes ser considerada em relação a um determinado professor lidando com determinados alunos, num determinado ambiente, enquanto procura alcançar determinadas metas de ensino (Sistematização do Ensino).

«Para além de “dar aulas”, professores parecem “criados para todo o serviço”, encontrando-se a atravessar uma “crise de identidade profissional” devido à ambiguidade do seu papel». Acrescenta ainda este autor que a profissão docente é, pois, uma profissão de alto risco. Não só devido à complexidade dos espaços sociais da sua intervenção, mas também pelo facto de eles manipularem e produzirem saberes que se localizam na fronteira entre o certo e o incerto, entre o simples e o complexo, entre o determinado e o aleatório. (...) está sujeita a reducionismos muitos deles de origem estatal que tendem a impor uma gestão burocrática – administrativa da riqueza e da conflitualidade das suas práticas profissionais (Cunha, 2008, p 24).

«O professor para ensinar, tem que dispor de um saber, de conhecimentos organizados em diversas dimensões e delimitados por critérios profissionais, sociais, institucionais e pedagógico – didáticos. [...] O conhecimento profissional do professor não é um conhecimento limitado temporalmente, nem se pode dar como terminado em termos de aquisição. Ele depende, acima de tudo, de um contexto de ação, que exige constantes atualizações e adaptações, orientando-se numa perspetiva prática, reflexiva, tendo sempre

como questões inerentes “O que ensinar?”, “Em que sentido?”, “Como?”, “A quem?”, “Onde?”, “Porquê?”.» (Cunha, 2008, p 63).

«Profissionalidade na ação docente, é o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor». Na prática docente o conceito de profissionalidade está em constante elaboração, devendo ser contextualizado em função do momento histórico concreto e da realidade social que o conhecimento escolar pretende reconhecer, partindo do pressuposto que os professores não são passivos e também participam na mudança de contextos.» (Sacristán, 1991, p 64).

«Ao professor são exigidos outros tipos de desempenho educativo de natureza psicossocial e/ ou psicossociológica. As funções assentes nas ideias do “Professor Pedagogo” e do “Professor Psicólogo” deixaram de ser predominantes, passando a existir com base nas funções fixadas nas ideias do “Professor Sócio – psicólogo” e/ou “Professor Psicossociólogo” (dinizador de grupos, extensão do papel de supervisor). Ao nível da sala de aula o professor utiliza cada vez mais técnicas de animação do grupo/classe. Fora da sala de aula as suas funções estendem-se ao desenvolvimento organizacional da escola e à comunidade circundante.» (Cunha, 2008, p 48-49).

3. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada

3.1 A Escola e o Projeto Educativo

A Prática de Ensino Supervisionada teve lugar num estabelecimento de ensino público do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico localizado no concelho de Sesimbra. O Projeto Educativo do Agrupamento foi constituído no ano letivo 2019/2020 e tem como grandes finalidades:

- favorecer um percurso sequencial e articulado dos alunos abrangidos pela escolaridade obrigatória;
- reforçar a capacidade pedagógica dos estabelecimentos que o integram;
- aproveitar racionalmente os recursos;
- prevenir a exclusão social;
- superar situações de isolamento;

O PEA está ancorado na prossecução do caminho que o Agrupamento tem vindo a trilhar e cuja história identitária e missão tem como desiderato principal, prestar um serviço educativo de qualidade, que tenha como objetivo principal formar cidadãos para um mundo globalizado e em constante transformação, afirmando-se como instituição de ensino de referência.

O perfil social e económico da localidade do estabelecimento de ensino, mantém ainda uma matriz de grande ruralidade com tradição, que se reflete numa agricultura familiar e em pequenas empresas. Através do desenvolvimento urbanístico desta zona, surgiram em paralelo diversos serviços, que permitem atualmente a satisfação de um conjunto de necessidades dos cidadãos ali residentes. Nesta freguesia, que é particularmente rica em estruturas sociais, culturais e desportivas, é importante realçar as que pela sua principal atividade têm mantido um relacionamento privilegiado com o Agrupamento.

Este Agrupamento mantém vários protocolos de parceria nomeadamente com a Equipa Multidisciplinar de Educação Especial, que os apoia na integração de jovens ao nível do 2º e 3º ciclos, com o Projeto Escolhas, no que diz respeito ao acompanhamento de crianças/jovens com comportamentos de risco, e com a Formação Profissional, no apoio a estágios de alguns jovens deficientes.

Um outro aspeto, não menos significativo para a estabilidade das escolas e do seu normal funcionamento, diz respeito à fixação dum número bastante significativo de pessoal docente e não docente, situação que se reflete na qualidade de ensino, no bem-estar de todos, na adesão às atividades dinamizadas no seio da escola, no espírito de cooperação entre os diferentes elementos, na interação com a comunidade local e na disponibilidade coletiva de implementar uma nova “cultura de escola”. São no total 1158 alunos, 127 docentes e 54 não docentes, incluindo as auxiliares de Jardim-de-Infância.

No que se refere a espaços exteriores, a escola possui amplos espaços verdes na envolvência dos seus cinco pavilhões, sendo que: o pavilhão central (1) alberga o gabinete da Direção, os serviços administrativos, a reprografia/papelaria, a biblioteca, a sala de informática, a sala de reuniões, as salas de Atendimento aos Encarregados de Educação, a sala dos professores, a sala dos diretores de turma, o Gabinete de Psicologia, a sala polivalente e a sala dos assistentes operacionais. Nos pavilhões 2, 3 e 4 funcionam as salas de aula. No pavilhão 5 encontra-se o *buffet* e o refeitório com cozinha. No pavilhão 6 encontra-se o ginásio desportivo.

No geral as condições são excelentes, as salas de aula encontram-se equipadas com computador e quadro interativo, são bem iluminadas e o mobiliário está bem conservado.

3.2 A Sala de Educação Musical - Recursos e Materiais

A sala onde realizei a minha atividade com as turmas localiza-se no pavilhão central, é bem equipada quer ao nível dos recursos musicais ou tecnológicos. Assim, à disposição do professor, existe um projetor e uma tela branca para projeção, acesso à internet, dois quadros brancos para escrever e sistema de som. Tem um armário com os recursos necessários para o professor (manuais, livros e material escolar), bem como alguns conjuntos de acessórios. Existe ainda uma arrecadação com instrumentos musicais: instrumentos de percussão Orff de altura definida e indefinida; flautas de bisel; guitarras acústicas; cavaquinhos; microfones; tripés; amplificadores e colunas. Existem janelas do lado oposto à porta, o que permite bastante claridade e luz natural. Na parede lateral, está representado o mapa do mundo instrumental. Um dos fatores negativos a apontar à sala de aula prende-se com a carência de espaço para atividades de movimento. As mesas centrais, ainda que deslocadas do seu local habitual, são um obstáculo na movimentação dos alunos pela sala, tornando estas atividades difíceis no sentido em que alteram por completo a dinâmica habitual da aula.

3.3 Unidade de Educação Especial

A sala de aula reservada para a Unidade de Educação Especial, ainda que pequena, é sem dúvida uma sala acolhedora onde os alunos gostam de permanecer e desfrutar das aprendizagens. No que diz respeito à área musical, está equipada com um sintetizador e um computador com o respetivo sistema sonoro. Ainda assim, os alunos da unidade gostavam muito de ir até à sala de música, fazendo por vezes surpresas ao professor cooperante a meio do dia nem que fosse só para o cumprimentar.

4 . Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada

A Prática de Ensino Supervisionada contou com a participação de dois estagiários e o professor cooperante. O estágio teve início em Setembro com uma reunião na qual foi apresentado o horário das turmas, fornecidas diretrizes e esclarecidas dúvidas. Nesta reunião, o professor cooperante partilhou ainda as suas planificações e fez uma breve abordagem ao seu método de trabalho. Devido à minha disponibilidade total para os horários apresentados, decidimos em concordância com o professor cooperante que estaria presente sempre que possível e em todos os tempos letivos disponíveis de modo a coletar o máximo de experiências possíveis e diversificadas. Desta forma, em vez da observação e lecionação das aulas se restringirem a um número limitado de turmas, tivemos a oportunidade de trabalhar com todas, diversificando assim as experiências e proporcionando-me um estágio repleto de novas aprendizagens e motivações.

Para além das diversas reuniões entre o núcleo de estágio para questões relativas à prática letiva, existiam diariamente conversas informais, nas quais nos foi possível trocar ideias e receber o feedback do professor cooperante relativamente ao trabalho que se estava a desenvolver. Rapidamente se criou uma relação de grande confiança com o professor, dando-me sempre total liberdade, independência e muito apoio no desenvolvimento da minha prática letiva. Sem reservas, o professor partilhou os seus conhecimentos e recursos educativos, demonstrando o que é ser um bom profissional. Com a minha colega de estágio, tive o privilégio de criar uma excelente relação de trabalho, com constante partilha de experiências, o que constituiu um grande apoio e uma mais valia ao longo de todo este percurso.

4.1 Aulas Observadas

Dada a minha experiência na lecionação, já com mais de uma década, todo este estágio acabou por ser encarado de uma perspectiva diferente da que teria sido caso tivesse ocorrido no início da minha carreira profissional enquanto docente.

Ainda que a área seja a mesma, a minha experiência está diretamente ligada ao ensino especializado da música em contexto de Academias de Música, Escolas Profissionais de Música e Conservatórios de Música, mais concretamente no ensino de Percussão. Este tipo de ensino decorre em moldes diferentes quando comparado com a disciplina de Educação Musical, onde por diversos motivos, nem sempre é possível dar a importância que é a meu ver necessária quanto às práticas musicais, usufruindo das vastas possibilidades que as mesmas nos proporcionam para promover na globalidade da turma o gosto por “fazer música”.

Face à minha disponibilidade de horário, as aulas observadas realizaram-se com todas as turmas do professor cooperante, sendo cinco turmas do 5º ano e duas turmas do 6º ano, constituídas da seguinte forma: 5º A com 26 alunos; 5º B com 25 alunos; 5º C com 20 alunos, sendo que 3 têm Necessidades Especiais; 5º D com 19 alunos, sendo que 3 têm Necessidades Especiais; 5º E com 19 alunos, sendo que 3 têm Necessidades Especiais; 6º A com 27 alunos, sendo que 1 têm Necessidades Especiais; 6º B com 28 alunos.

Como as aulas observadas só tiveram início no mês de Outubro, foi evidente logo no primeiro dia do estágio, que as turmas do 5º ano já estavam completamente familiarizadas com os métodos e as dinâmicas do professor, tal como acontecia nas turmas do 6º ano que já tinham o conhecimento do ano letivo anterior.

Foi também notório o gosto e as capacidades elevadíssimas para com os alunos com Necessidades Especiais e a facilidade com que o professor cooperante os integra na turma e nas atividades desenvolvidas no decorrer do ano.

A reação dos alunos à minha presença foi muito boa, sobretudo porque em todas as turmas do 5º ano, existiam alunos que já tinham tido aulas de expressão musical comigo no 1º ciclo, nas Atividades de Enriquecimento Curricular, o que se revelou muito positivo, tanto para mim como para eles, na medida em que eles sabiam que podiam contar com a minha ajuda para tudo e para mim, porque mesmo os alunos que eu não conhecia, acabaram por se aproximar dada a relação que viam os colegas terem comigo, baseada em respeito, cooperação e amizade, fortalecendo assim a minha relação com todas as turmas.

No estabelecimento de ensino onde decorreu o estágio, a disciplina de Educação Musical, tem somente direito a dois blocos de 60 minutos semanais e cabe ao professor gerir os conteúdos teóricos e práticos, tendo sempre por base as limitações dos alunos, bem como as do espaço físico onde decorrem as aulas, quer sejam as falhas constantes na internet ou até mesmo o desgaste natural do espaço e dos instrumentos disponibilizados pela escola.

Para além da planificação anual, onde estavam organizados e distribuídos os conteúdos programáticos da disciplina pelos três períodos letivos, o professor elabora também planificações mensais, que sofrem por vezes alterações consoante as necessidades e evolução dos alunos e a partir dos quais, eram sustentados os planos de aula.

No que diz respeito à avaliação, esta decorria diariamente de uma forma superficial, sem que os alunos se apercebessem e no fim dos períodos, com as habituais avaliações escritas e práticas.

Face à situação pandémica no decorrer do estágio, foi impossível desenvolver projetos coletivos tão úteis à prática musical, contudo foi notório o esforço constante por parte do professor cooperante em tentar proporcionar aos alunos a maior variedade possível dentro das condições que lhe eram concedidas.

Para a lecionação da disciplina, a escola adotou dois manuais, o “100% Música” para o 5º ano de António Neves, David Amaral e Jorge Domingues e o manual “Play” para o 6º ano de Jonas Araújo e Tito Santos, recorrendo também aos Cadernos de Atividades e aos recursos didáticos que pertencem aos manuais para desenvolver muitas das atividades, sobretudo na altura em que as aulas decorreram num formato on-line.

Desde o início do estágio que foi sendo perceptível a estrutura das aulas e o modo como o professor cooperante geria o tempo e os conteúdos programáticos a lecionar. Começávamos sempre com uma canção de boas vindas, onde eram introduzidas algumas componentes teóricas de um modo prático, que no decorrer da aula (já depois de percecionadas auditivamente e postas em prática) seriam novamente abordadas mas já com fundamentação teórica. E assim, os alunos começavam sempre a aula com um aquecimento vocal, despertando o corpo ao mesmo tempo que eram introduzidas semanalmente conteúdos como as dinâmicas, os andamentos, os timbres, os ritmos, mas sempre de uma forma divertida e de fácil percepção.

Num contexto de ensino como o que presenciamos no estágio (em que o professor para além de tantas outras tarefas inerentes à lecionação, tem também de lecionar, instruir turmas enormes e promover-lhes o gosto pela disciplina em apenas dois blocos semanais, com recursos limitados, quer pela situação pandémica, quer também pelo fraco investimento nas infraestruturas e recursos úteis para as aulas de Educação Musical nos últimas décadas) vejo este simples ato de utilizar uma canção de boas vindas para introduzir os conteúdos programáticos recorrendo à prática musical como meio de transmissão de conhecimentos, como um ponto fulcral no desenvolvimento do gosto pela disciplina por parte dos alunos, pois estão desta forma a experimentar e a vivenciar os conhecimentos, ainda antes de qualquer explicação teórica, tal como quando aprendemos a falar.

Na passagem para o formato de aulas on-line, dadas as dificuldades vividas, ao invés da canção de boas vindas, as aulas iniciavam-se com uma breve conversa na qual os alunos tinham oportunidade de partilhar com a turma as coisas boas e menos boas que tinham vivenciado nos últimos dias, criando assim um momento pessoal da turma em que por norma os deixava bem dispostos e predispostos para começar a aula propriamente dita.

Voltando ao início do estágio e às aulas na escola, após a canção de boas vindas, o professor expunha o sumário com recurso ao retroprojektor, dando sempre algum tempo para que os alunos retirassem os materiais das mochilas e escrevessem o sumário, que regra geral, motivava alguma dúvida ou questão por partes dos alunos, sendo muitas vezes a resposta, o ponto de partida para o seguimento da aula.

Por norma, este segundo momento da aula era dedicado à recapitulação das matérias da aula anterior, quer fossem teóricas ou práticas. Tendo em conta a reduzida carga horária dedicada à disciplina de Educação Musical, vejo este momento de revisões como um fator muito importante, no sentido em que os alunos vão reavivando sempre os ensinamentos anteriores a cada aula que passa.

Seguiam-se os conteúdos, que sempre que possível eram apresentados de forma prática ou através da visualização de alguns vídeos musicais ou pequenos excertos, onde eram exibidos os conteúdos a trabalhar posteriormente. Posto isto, chegávamos ao intervalo de 10 minutos, por norma muito desejado pelos alunos, mas nem sempre, como será possível perceber mais à frente no capítulo das aulas lecionadas.

O retomar para o segundo bloco, gerava com frequência breves e calmas conversas sobre pontualidade, responsabilidade e cumprimento de regras, visto que havia sempre um ou outro aluno que acabava por se distrair com as horas e chegar um pouco atrasado. Neste segundo bloco da disciplina, eram feitos alguns exercícios do Caderno de Atividades, que serviam também para os alunos se acalmarem enquanto se concentravam nos trabalhos que estavam a fazer antes de voltar a um momento mais enérgico, que era reservado para a parte final da aula, sempre num sentido prático e entusiasmante, despertando a curiosidade para a aula seguinte.

No decorrer do estágio, tive a oportunidade de observar as diversas estratégias utilizadas pelo professor cooperante para fazer frente às dificuldades apresentadas pelos alunos. Tanto no aspeto teórico como no prático, o professor não se limita a uma só explicação, faz o que for necessário para que um aluno que apresente uma dúvida, a deixe de a ter.

Independentemente do conteúdo previsto para a aula, como referi anteriormente, a aula iniciava-se com uma canção de boas vindas que incorporava diversos exercícios para o aquecimento vocal e corporal. Para além de cantarem, iam sendo também reproduzidas frases rítmicas ou até mesmo improvisações com recurso às palmas.

Nas aulas direcionadas para a prática vocal e instrumental os alunos começavam por ouvir o que iam reproduzir, sempre que possível em várias versões. Depois de ouvir algumas

vezes, o professor passava então para a parte visual. Expunha a partitura através do retroprojetor e os alunos começavam por associar o ritmo, depois as notas conhecendo assim visualmente o que já sabiam interpretar na prática. Quando já estavam bem familiarizados com a música que ia ser interpretada, reviam-se as posições dos dedos, a postura corporal e em conjunto faziam a melhor parte, música.

O espírito de entreajuda e cooperação que o professor transmite, acaba por ter reflexo nas turmas, sendo visível em todas, esse mesmo espírito entre os colegas e o bom ambiente vivido em todas elas. Foi também notório com o passar do tempo, o despertar da curiosidade e do empenho pessoal dos alunos, que à medida que iam ganhando confiança, começaram a pedir ao professor que os escutasse a interpretar músicas novas que tinham aprendido sozinhos, quer fossem cantadas ou interpretadas na flauta recorrendo maioritariamente à internet para esta aquisição de conhecimento promovida pela curiosidade.

Nas aulas direcionadas para a aquisição de conhecimentos teóricos, como os conceitos base da Educação Musical, mais concretamente o Timbre, o Ritmo, a Altura, a Dinâmica e a Forma, foi evidente a importância de todos estes conceitos já terem sido anteriormente trabalhados de um modo prático, sobretudo na habitual canção de boas vindas, momento diário utilizado para introduzir estes conceitos com base na reprodução por imitação. Quando o professor iniciava a explicação teórica, os alunos já a sabiam reproduzir ou interpretar, estavam agora simplesmente a perceberem visualmente ou por palavras algo que já sabiam ou conheciam de um modo prático.

Esta metodologia convenceu-me rapidamente, na medida em que era bastante evidente a facilidade com que os alunos percecionavam as questões teóricas, porque já o tinham reproduzido mesmo sem saber concretamente o que estavam a fazer e vi também como uma alternativa excelente para combater o desinteresse e desmotivação provocadas pelos conceitos teóricos da disciplina, que muitas das vezes acabam por afastar os alunos da Educação Musical.

Relativamente às avaliações práticas, as mesmas decorriam em todas as aulas, de um modo disfarçado e sem causar receios nos alunos, o professor conseguia ao longo da aula perceber as dificuldades dos alunos, procurar soluções e combatê-las, muitas das vezes sem que os alunos se aperceberem que estavam a ser avaliados e ajudados.

Esta atitude de ajudar em vez de apenas exigir e a procura de soluções diversificadas, em conjunto com o bom ambiente vivido na sala de aula, reflete uma aprendizagem mais cativante e interessante, tornando sempre mais fácil e eficaz a obtenção dos objetivos pretendidos pela disciplina, aprender com gosto, fazendo música.

Quanto às avaliações práticas, estas eram efetuadas individualmente. Eram selecionadas várias músicas trabalhadas no decorrer do período e na semana anterior ao teste, o professor comunicava às turmas a música obrigatória, ficando a segunda música a interpretar ao critério dos alunos. Mais do que um momento de avaliação prática, este era visto como a altura em que os alunos poderiam demonstrar à turma o seu esforço e empenho, olhando para o seu instrumento (neste caso a flauta ou a voz) como algo muito importante que merece respeito e dedicação em troca de sensações muito satisfatórias e difíceis de explicar por palavras.

Vendo a avaliação desta forma, a pressão nos alunos era completamente diferente e eram muito poucos os alunos que denotavam algum constrangimento no momento de tocar perante a turma. Mais do que se sentirem avaliados, os alunos estavam acima de tudo a ter noção da sensação de estar em palco, o momento em que transmitimos os nossos sentimentos para alguém recorrendo à música. O resultado deste processo são as excelentes avaliações que a generalidade das turmas do professor cooperante obtiveram.

Em relação às avaliações escritas, os moldes eram muito semelhantes aos práticos, ou seja, no decorrer das aulas o professor utilizava o Caderno de Atividades com alguma regularidade e enquanto os alunos estavam a efetuar os trabalhos, o professor ia percorrendo a sala para ir percebendo quem tinha mais dificuldades para no momento da correção (que normalmente acontecia sempre em grupo) direcionar-se para os alunos que tinham evidenciado dúvidas ou dificuldades, recorrendo muitas vezes aos alunos que demonstravam mais conhecimento para explicarem aos colegas, dando assim valor ao seu conhecimento, responsabilidade que os motivava bastante.

Os testes escritos eram efetuados individualmente e sempre recorrendo a exercícios ou questões semelhantes às trabalhadas nas aulas. Ao longo do ano, não me apercebi de que os alunos exibissem algum tipo de constrangimento ou tensão nestes momentos de avaliação,

mas sim vontade de demonstrar ao professor que tinham trabalhado e que sabiam as matérias a serem avaliadas. Esta atitude dos alunos espelha bem o gosto que têm pela disciplina e isso é sem dúvida fruto do gosto que o professor evidencia pela música e pela transmissão de conhecimentos.

Da observação destas aulas, bem como do convívio com o professor cooperante, só tenho a agradecer pelos ensinamentos transmitidos sem restrições. Houve sempre o cuidado de nos fazer ver e perceber todos os aspetos inerentes à função de um professor na escola e a importância que o mesmo pode ter na sociedade.

Destaco a excelente relação que existe entre o professor e os alunos e a capacidade de obter na sala de aula, independentemente da turma, um clima excepcional para a aprendizagem. É visível em todas as turmas a enorme empatia que os alunos demonstram pelo professor.

O afeto, o carinho, e a ternura com que trata os alunos, reflete-se sobretudo nas turmas que já não têm Educação Musical (7º, 8º e 9º ano) que mesmo com o passar dos anos, continuam a ir à sala do professor para o cumprimentar e por vezes desabafar um pouco, pois sabem que o professor tem sempre uma palavra de conforto para cada um.

Em situações de indisciplina o professor mostrou-se sempre muito assertivo, com um forte controlo de emoções, recorrendo sempre a estratégias muito criativas para manter a atenção dos alunos e evitar problemas de indisciplina ou até mesmo punições mais severas. Recordo-me da estratégia mais usada nas turmas de 5º ano, que consistia em pedir ao aluno que saísse da sala e fosse até à sala de apoio transmitir um recado ao professor que lá estava, que sendo conhecedor da estratégia, acabava por vezes por dar uns conselhos aos alunos. Enquanto o aluno saía da sala, transmitia o recado, recebia um conselho e regressava, acabava por se acalmar, sem ser necessário recorrer a castigos mais pesados.

Nos alunos mais velhos, o professor parava a aula para ter uma conversa séria, mas num tom calmo. O objetivo era sempre o de tentar que os alunos percebessem as regras, inculcando-lhes responsabilidade.

Em suma, foi um ano que me possibilitou um sem número de aprendizagens, proporcionadas por um professor conhecedor de todos os detalhes e com uma experiência fantástica, tendo sempre novas estratégias para combater qualquer problema que surgisse. Este estágio permitiu-me também observar e conhecer melhor os conteúdos e a organização da disciplina de Educação Musical no 2º ciclo do ensino básico. Dei conta da importância do plano de aula e de uma estrutura bem definida para gerir as aprendizagens e o tempo de aula.

Esta experiência foi também muito importante para mim na aquisição de materiais e recursos para a lecionação da disciplina. Tendo por base estas observações e reflexões, procurei logo de imediato pôr em prática na minha vida profissional todas as aprendizagens que iam sendo adquiridas, o que se tem evidenciado como uma mais valia para a minha prática letiva.

4.2 Outros Contextos de Observação

Com o passar das semanas, a minha relação com o professor cooperante foi ganhando confiança, acabando por gerar um elo de amizade. Certo dia, num momento de pausa e num sincero desabafo, onde me questionava porque vivíamos num país onde a importância dada à Musicoterapia é praticamente nula (quando no meu ponto de vista é mais uma das fantásticas possibilidades que a música nos oferece) o professor convidou-me para estar presente nas aulas que lecionava semanalmente nas Unidades de Ensino Especial no 1º e 2º ciclo. Aceitei prontamente, pois tinha naquele convite a possibilidade de adquirir um vastíssimo leque de conhecimentos nesta área, tão importante quanto esquecida e logo com um ser humano fantástico que já tinha demonstrado na sala de aula durante o estágio, uma capacidade extraordinária para lidar com crianças com necessidades especiais que faziam parte das suas turmas.

Ainda que não me tenha sido possível estar sempre presente, cada segundo que permaneci nas aulas das Unidades de Ensino Especial, foram autênticos momentos de prazer e de satisfação por me ser possível estar a assistir ao vivo ao “poder da música” em crianças que por diversos motivos acabam por ser privados de muitas coisas. Ainda assim, o professor conseguiu sempre provocar algum efeito (quer fosse um simples sorriso, ou até mesmo vê-los a dançar e a cantar pela sala, com uma alegria contagiante e uma satisfação desmedida) recorrendo simplesmente à sua voz, a todas as possibilidades tímbricas que a sua guitarra oferece e claro, à sua simplicidade, a de um músico e professor que adora o que faz e que consegue transmitir esse gosto para quem o rodeia.

O meu desconhecimento nesta área era tão grande, que no início tive algumas dificuldades em focar-me em questões concretas. Nas primeiras aulas dava por mim sem saber o que fazer ou como reagir, pois nunca tinha presenciado nada semelhante a nível de ensino e tinha um certo receio de fazer algo menos bom. Contudo, o apoio do professor (como sempre ao longo de todo ano letivo) foi fundamental para que em cada semana que eu estivesse presente, fosse mais fácil para mim começar a interagir e integrar-me com os alunos; ganhando o meu espaço num meio que era o deles.

O primeiro ensinamento que retirei desta soberba experiência foi o de aprender a relacionar-me com estes alunos num primeiro momento. Foi no dia em que realmente percebi que se lhes desse espaço e me mantivesse no meu lugar (uns mais rápidos, outros nem tanto) todos eles acabavam por se dirigir a mim e interagir comigo de livre vontade e por interesse próprio.

Mais do que falar, por vezes um simples olhar carregado de ternura e amor, é suficiente para que uma criança com necessidades se sinta confortável para procurar em nós o apoio de um amigo, permitindo-nos depois ajudá-los com mais facilidade, porque estamos mais próximos deles e começam a ver-nos como alguém em quem podem confiar e a quem querem agradar.

Outro fator que me marcou bastante, foi a obtenção de resultados. Por vezes, algo que nos parece tão simples num contexto normal de aprendizagem, neste registo do Ensino Especial, pode ser algo muito difícil, ainda assim, o prazer que se retira após o término dos trabalhos e a visualização dos resultados é do mais gratificante que já experienciei e completamente inexplicável.

Esta oportunidade dada pelo professor cooperante, para além de um voto de confiança no meu trabalho, o que me deixou desde logo muito agradado, foi sem dúvida uma enorme mais valia para a minha formação humana e profissional. Sinto claramente que algo mudou no que diz respeito ao modo como encaro os problemas e as situações adversas no meu dia a dia, tanto pessoalmente como na minha profissão.

Esta ligação arrebatadora, criada nas Unidades de Ensino Especial, mostrou-me com a maior simplicidade possível, a importância da verdadeira essência no que fazemos. O propósito, deve a meu ver ser o foco principal, tudo o resto deve ser posterior; passo a passo, lutando e celebrando cada conquista, pois todas elas são únicas e especiais, tal como as crianças.

4.3 Aulas Lecionadas

As aulas lecionadas realizaram-se em todas as turmas do professor cooperante ao longo do ano letivo, o que me possibilitou perceber o quão diferente pode ser por vezes, lecionar a mesma matéria em turmas diferentes.

Para obter um bom resultado em todas as turmas (no que diz respeito ao cumprimento dos objetivos) não basta apenas debitar as matérias, mas sim cativar a turma a conhecer com gosto e interesse os conteúdos teóricos e práticos da disciplina. Ainda assim, tal como cada ser humano, cada turma é uma turma e cada aluno um caso específico, não podendo assim esperar que os mesmos métodos funcionem para todas as turmas ou alunos de igual forma, e enquanto docentes, limitar-nos a aplicar os nossos conhecimentos do mesmo modo para todos. Esta oportunidade de me ser possível lecionar os mesmos conteúdos em várias turmas foi fulcral, sobretudo para entender melhor todos estes aspetos e pôr também à prova a minha capacidade de diversificar a transmissão de conhecimentos e conteúdos consoante a turma que estava a lecionar, conseguindo retirar de cada uma, o máximo de interesse e atenção.

Numa primeira fase do estágio, o professor cooperante começou por nos dar algumas tarefas no decorrer das aulas, de modo a ambientarmo-nos às turmas e aos alunos, desenvolvendo algumas atividades ou por vezes cooperando apenas nas atividades desenvolvidas, o que me permitiu uma melhor preparação para o momento em que passei a lecionar a aula por completo, estruturando e planeando sempre em concordância com o professor cooperante, mas ficando a meu cargo toda a logística e leção das mesmas.

Face à situação pandémica ocorrida durante o estágio, as primeiras aulas foram lecionadas via on-line, decorria o mês de Fevereiro do ano de dois mil e vinte e um; e para dar início ao estágio propriamente dito, o professor cooperante sugeriu que a aula fosse lecionada por mim e pela colega estagiária, o que nos agradou, pois tínhamos sempre o auxílio um do outro e seria certamente uma boa experiência para ambos.

Tendo em conta que estávamos na época do carnaval, e sendo Sesimbra (concelho a que a escola pertence) uma região que celebra esta data com muito afínco, optamos por dedicar essa primeira aula aos carnavais do mundo, dando um maior destaque à variedade

musical que esta festividade espelha pelo globo, diversificando-se consoante o país onde é celebrada.

Para a preparação desta aula começamos por nos reunir e definir objetivos e estratégias. O objetivo era o de dar a conhecer aos alunos as tradições musicais dos diversos carnavais do planeta, sendo a estratégia utilizada a criação de um PowerPoint onde para além das características das várias regiões apresentadas em texto e fotografia, eram também apresentados alguns vídeos onde os alunos tinham a possibilidade de ver e ouvir as diferenças da mesma tradição consoante as diferentes partes do mundo onde eram apresentados.

Ainda que fosse uma aula lecionada via on-line (o que por vezes não era fácil, visto que os alunos se distraíam com alguma facilidade, pois estavam por norma numa divisão da casa onde estavam a decorrer mais situações semelhantes com outros membros da família) talvez por ser uma aula mais interativa devido ao facto de estar a ser lecionada com recurso a um PowerPoint, os alunos demonstraram bastante interesse e vontade em querer saber mais sobre as temáticas apresentadas e até perceber porque se festejava a mesma data de formas e com géneros musicais diferentes.

Considero que o objetivo para esta primeira aula lecionada foi alcançado, na medida em que ao longo do ano letivo, a “aula dos carnavais” foi tema de conversa por várias vezes, quer fosse pelos adereços ou pela diversidade de instrumentos e sonoridades utilizados.

Para a segunda aula, o professor cooperante entendeu que devia ser elaborada e lecionada em conjunto. O tema era “Os Instrumentos da Orquestra” e como entre os três (o professor e nós estagiários) abrangia-mos parte das famílias dos instrumentos da orquestra, seria mais elucidativo e interessante se cada um de nós (ainda que em nossas casas e por detrás de um computador com recursos limitados) transmitisse aos alunos os conteúdos das matérias que iam ser trabalhadas, bem como executar um pouco dos nossos instrumentos para os alunos.

Na primeira reunião que tivemos para estruturar e planificar a aula, apercebemo-nos que precisávamos de um “reforço”, visto que o professor cooperante é trompista, ou seja representava a família dos sopros de metal, a colega estagiária é clarinetista, representando assim os sopros de madeira e eu como percussionista a representar a percussão, faltava-nos

alguém que representa-se a família das cordas. Foi então que decidimos convidar o nosso orientador científico, pois sabíamos que para além de ter a possibilidade de representar a família das cordas iria certamente ser uma mais valia para a nossa aula, completando assim as famílias dos instrumentos da orquestra.

Mais do que ouvir ou ler as características de um instrumento, é para mim fundamental que uma criança possa visualizar e se possível experienciar esses instrumentos, para que o entusiasmo aumente com a aquisição de conhecimentos. E isso foi visível, na medida em que tal como na primeira aula lecionada, também esta foi sendo referida ao longo do ano, sendo mais tarde novamente lecionada, mas já na sala de aula e sobre a qual irei mais à frente neste relatório, evidenciar pormenorizadamente, diversos episódios que considere de enorme relevância no decorrer da prática letiva.

Considero que o facto de os alunos terem visualizado os professores e nós estagiários a executar os nossos instrumentos, tornou a aprendizagem mais impactante, enriquecendo o leque de experiências musicais dos alunos.

A terceira aula a incluir nesta secção do relatório, apresenta a primeira aula em que estive sozinho perante a turma. Estávamos perto do final do segundo período e ainda na época das aulas em formato on-line, ficando à minha responsabilidade, lecionar as aulas na semana de revisões para as avaliações práticas. O sentimento estava bifurcado, se por um lado estava bastante nervoso, por outro tinha uma enorme vontade de pôr em prática os meus conhecimentos e competências, usufruindo dos mesmos para ajudar as turmas na obtenção de bons resultados nesta fase avaliativa.

Comecei por me inteirar dos conteúdos da avaliação prática e da sua estrutura, para a qual eram selecionadas duas entre as várias músicas trabalhadas no decorrer do período e na semana anterior ao teste, o professor comunicava às turmas a música obrigatória, ficando a segunda música a interpretar ao critério dos alunos. Visto que os alunos tinham a possibilidade de escolher um dos temas musicais a apresentar, era fulcral fazer-lhes entender que uma boa estruturação do estudo (para definir as matérias que precisavam de mais trabalho) e a escolha acertada do tema livre (tendo em conta as aptidões individuais dos alunos) eram o primeiro passo a seguir para atingir uma boa classificação na avaliação prática. Outro fator (na minha perspetiva) muito importante neste tipo de avaliações práticas é

o controle emocional, ou seja, não permitir que o nosso sistema nervoso afete as nossas prestações enquanto instrumentistas, e foi com base nestes três princípios que sustentei a planificação desta aula de revisões para a avaliação prática, estruturando o conteúdo, selecionando o que mais se adapta às valências pessoais de cada aluno e controlando as emoções com base na autoconfiança adquirida nas aulas e durante o estudo individual.

Após lecionar esta aula refleti bastante sobre a mesma, tendo como base para a minha reflexão, a teoria de Korthagen. Este modelo, apresenta como eixo central a “Missão”, ao qual vão são adicionadas mais cinco camadas: a “Identidade”, as “Crenças”, as “Competências”, o “Comportamento” e o “Ambiente”.

A minha “Missão” era sem dúvida a de obter na turma, resultados homogêneos e o mais elevados possível dentro do que eu considerava serem as reais capacidades dos alunos. Mais do que alguns alunos atingirem resultados excelentes, defini como objetivo, garantir que todos os alunos que demonstrassem mais dificuldades, conseguiriam atingir os objetivos com índices avaliativos muito positivos e com isso obter da turma uma maior homogeneidade tanto nos níveis de resultados obtidos como nos níveis de interesse e gosto pela música.

A segunda camada deste modelo de reflexão, submete-nos para uma reflexão a nível da nossa identidade e de quem somos no nosso trabalho. Neste caso em específico da aula de revisões para a avaliação prática, vi como um dado importante a transmitir aos alunos, algumas das experiências que tive enquanto instrumentista, quer fossem nas provas práticas num patamar académico, que fosse nas provas de admissão para orquestras ou grupos similares num patamar profissional.

Com esta breve partilha de experiências pretendi demonstrar aos alunos o meu conhecimento pelo trabalho que eles tinham pela frente e que iria pô-lo em prática para ajudá-los a melhorarem os seus desempenhos práticos em momentos avaliativos. Com este momento os alunos ficaram também a conhecer um pouco mais sobre o meu percurso académico e profissional, aumentando os laços afetivos e de cumplicidade.

A terceira camada remete-nos para uma reflexão direcionada às nossas “Crenças”, em que acreditamos quando tomamos certas atitudes ou decisões.

Motivado acima de tudo pela minha experiência acadêmica, acredito que a Educação Musical para além de um contributo importante na formação e crescimento do ser humano, apresenta-se também como uma área onde podem ser trabalhados diversos fatores que nos surgem ao longo da vida das mais diversas formas. Tomando como exemplo esta aula, acredito que foram trabalhados três aspetos passíveis de serem praticados por qualquer ser humano no seu quotidiano. Ter noção do seu conhecimento, para saber direcionar o foco sobre as componentes mais debilitadas; conhecer as nossas valências, para as fazer sobressair; e aprender a controlar as emoções, para não desperdiçar o trabalho efetuado.

Na quarta camada surge o tema das “Competências”. Por se tratar de uma aula de revisões e ter como "missão" a obtenção de bons resultados na globalidade da turma, era fulcral ter a capacidade de evidenciar as minhas competências face ao trabalho exigido. Para tal, era necessário conseguir fazer frente às dúvidas e dificuldades apresentadas pelos alunos. Ainda que por vezes as questões fossem as mesmas, as explicações teriam de ser muitas vezes diferentes, pois cada aluno é um aluno e para conseguir atingir a “Missão”, necessitava de garantir que todos os alunos tinham percecionado bem as matérias e as minhas dicas e sugestões para melhorarem durante o estudo individual no decorrer da semana. Considero que no decorrer da aula consegui demonstrar as minhas competências através da procura constante de estratégias e soluções para combater as dificuldades apresentadas pelos alunos, deixando-os sempre confortáveis para exporem novas dúvidas que surgissem.

Prosseguindo a reflexão nos moldes da teoria de Korthagen chegamos à quinta camada, que se refere ao “Comportamento” e ao modo como me comporto com a turma e com os alunos nas diversas situações vividas dentro de uma sala de aula. Ainda que seja por vezes necessário adaptar o nosso comportamento consoante a turma a que estamos a lecionar, de um modo em geral sou um professor que permite aos alunos liberdade para falar e desabafar, sem medos nem vergonha, quer sejam assuntos relacionados com a aula, com a escola ou até mesmo sobre as suas questões pessoais, tentando sempre criar nas turmas uma ligação forte de companheirismo e entreajuda. Como primeiro objetivo, pretendo sempre criar na turma um espírito de grupo coeso e como tal, sou sempre o primeiro a dar o exemplo do que pretendo para a turma através do meu comportamento para com os alunos. Quando os alunos estão a efetuar atividades escritas, tenho por norma o hábito de ir percorrendo a sala e sentar-me nos lugares livres, pôr me ao nível físico dos alunos e de uma forma mais individual aproximar-me dos alunos e esclarecer eventuais dúvidas que possam surgir e que

por algum motivo, os alunos não se sintam à vontade para partilhar com a turma. Com o passar dos anos, considero benéfico este comportamento de proximidade com os alunos, pois tem se revelado como um fator preponderante para a obtenção de resultados sólidos em grupo, por terem objetivos comuns, acabam por ser os alunos com mais facilidades que se disponibilizam para ajudar os que têm mais dificuldades, por saberem que o objetivo só é atingido se todos sem exceção, dessem o melhor de si em prol de um objetivo comum.

Na sexta e última camada do modelo de Korthagen temos o “Ambiente”, referindo-se a tudo aquilo que é exterior à pessoa, quer seja um aluno, uma turma e o seu respetivo ambiente de aprendizagem, a cultura da escola, etc.

São vários os fatores que podem servir de base para a reflexão neste último ponto do modelo, ainda assim, talvez por ser uma aula de revisões, o ambiente foi muito bom, na medida em que os alunos aproveitaram o tempo de uma forma ordeira para esclarecer as suas dúvidas, pedindo para utilizar o tempo destinado ao intervalo para continuar as revisões, o que me deixou muito contente e com o sentimento de missão cumprida.

Na semana seguinte veio a avaliação prática, onde os alunos demonstraram um excelente desempenho de um modo em geral deixando-me muito confiante para dar continuidade ao que julgo ser a minha missão no contexto do ensino da Educação Musical, a de transmitir para os alunos o meu gosto pela prática musical e demonstrar-lhes como pode a música e a Educação Musical ajudar-nos ao longo da vida.

Com o início do terceiro período letivo, retomaram as aulas presenciais, ainda que com muitas medidas restritivas foi possível regressar aquele que é “o nosso espaço”, a sala de música. Para o regresso às aulas, o professor cooperante sugeriu que a aula fosse lecionada em conjunto e o tema era a música em conjunto, o que me deixou logo motivado e entusiasmado com a possibilidade de demonstrar aos alunos o meu gosto por esta componente musical.

Tal como o título do relatório apresenta, pretendia nesta aula demonstrar que a disciplina de Educação Musical, não pode estar restrita à Flauta de Bisel e à Voz. Existem diversas vertentes práticas e fontes sonoras e cada qual tem as suas características. Para cada uma delas, existem também diferentes requisitos que podem não ser exequíveis para todas as

peçoas, estando assim a reduzir as possibilidades de despertar nos alunos a atenção e gosto pela prática musical se apenas lhes proporcionarmos duas opções e este foi o ponto de partida para esta aula, diversificar a prática em prol dos interesses e valências individuais tendo como objetivo a obtenção de resultados coletivos, fazendo assim de cada turma uma orquestra.

Ainda que não fosse possível aos alunos experimentar os instrumentos musicais, o facto de nos estarem a ver e ouvir ali tão perto e a sentir as vibrações emitidas, deixou-os curiosos e atentos com as sonoridades e as diferentes técnicas apresentadas consoante os instrumentos interpretados. Depois do momento musical, foi a vez de os alunos descobrirem os timbres do seu “instrumento”, que consistia em utilizar os materiais que estavam nas suas mesas. Tanto podiam utilizar a Flauta, como dois lápis e transformar os utensílios da mesa numa bateria não convencional, ou utilizarem simplesmente o seu corpo, que fosse a sua Voz ou através de Percussão Corporal. O objetivo principal foi o de despertar a curiosidade dos alunos, adquirindo os conhecimentos com gosto e interesse, sem qualquer tipo de obrigação. Esta aula acabou por se revelar de extrema importância gerando novos interesses musicais por parte dos alunos de tal modo que continuamos a aula já no horário de intervalo de maneira a satisfazer as curiosidades evidenciadas pelos alunos e por ver a sua satisfação em fazer música em conjunto.

Esta foi sem dúvida uma aula muito importante, na perspetiva dos alunos, porque ampliaram horizontes relativamente à prática musical em conjunto e na minha perspetiva pessoal, enquanto estagiário que ambiciona especializar-se no Ensino da Educação Musical no Ensino Básico, com o intuito de promover a diversidade prática instrumental em grupo como principal meio para a transmissão e aquisição de conhecimentos teóricos combatendo o desinteresse muitas vezes demonstrado pelos alunos quando confrontados com os aspetos teóricos da disciplina de Educação Musical.

Se até ao momento em que lecionei esta aula (em conjunto com o professor cooperante e a colega estagiária) refleti bastante sobre os meus ideais para a disciplina de Educação Musical (sempre com algum receio, visto que não sabia se eram apenas ideias que eu considerava como sendo uma mais valia, ou se depois na sua implementação se tornavam impraticáveis) após esta aula, acredito que esta opção de diversificar a prática em prol de um coletivo, com base nas valências e gostos individuais, ao invés de restringir os alunos a duas ou três práticas, promove um maior interesse tanto nas questões práticas como teóricas. O

entusiasmo e o interesse crescente ao longo da aula, fez com que no final, os alunos sugerissem que para a aula seguinte, fosse repetida a aula sobre os instrumentos da orquestra visto que alguns dos alunos tinham tido algumas dificuldades em acompanhar a aula on-line e precepcionar o timbre e as características dos instrumentos. Depois do entusiasmo demonstrado pelos alunos, não podíamos defraudar as suas expectativas e reunimo-nos para reestruturar a aula tal como os alunos pretendiam.

Na aula seguinte, ao chegarmos à sala de aula, fomos surpreendidos por um aluno que trouxe o seu saxofone e que gostava de tocar para os colegas o que já tinha aprendido no conservatório de música onde também é aluno. O simples facto de este aluno evidenciar o seu gosto pela música e as suas aptidões para a execução do Saxofone, deixou a turma com um sentimento de surpresa e admiração pelos conhecimentos do colega. Naquele momento toda a turma ficou centrada no aluno e no seu Saxofone, todos quiseram efetuar algumas questões sobre o instrumento e a sua aprendizagem. O interesse demonstrado por todos os alunos e até por nós estagiários, elevou a confiança do aluno levando-o a querer interpretar a peça que iria apresentar na audição do conservatório, pedindo-me para o acompanhar ao piano. Fui logo para o piano e pedi ao aluno que executasse a peça uma primeira vez ainda sozinho para que eu pudesse pressionar a sequência harmónica da peça e de seguida interpretá-la em conjunto.

O momento que se seguiu foi inesquecível. Toda a turma permaneceu em silêncio, com total respeito pelo colega e pela música, para além de uma visível admiração pelo trabalho apresentado. O facto de ser um colega da turma a demonstrar algo que para os alunos em geral pode até parecer muito difícil, fez com que todos eles achassem ser algo possível de atingir caso se empenhassem como fez o colega. Mesmo para o aluno que fez a apresentação do Saxofone, veio a comprovar-se como um momento muito importante para a sua confiança, toda esta situação acabou também por ser o reconhecimento do seu trabalho enquanto instrumentista. A evolução do aluno foi de tal modo satisfatória, que o professor de Saxofone do conservatório entrou em contacto comigo para transmitir o quão importante tinha sido esta experiência para o aluno, que tinha sido notório uma melhoria significativa nos níveis de confiança e na vontade em querer saber mais. Este é a meu ver um exemplo evidente da importância da prática musical como gerador de motivação e interesse, elemento essencial para uma aprendizagem sólida.

A aula prosseguiu com o professor cooperante a apresentar o seu instrumento musical, a Trompa. Depois de explicar aos alunos as principais características do instrumento, desde a sua origem à sua família na orquestra, o professor interpretou alguns excertos musicais, de modo a demonstrar as várias possibilidades sonoras da Trompa, reservando para o final da apresentação, alguns minutos para os alunos esclarecerem as suas dúvidas.

Seguiu-se a colega estagiária, que apresentou à turma o Clarinete. Começou por montar o instrumento, de maneira a que os alunos se aperceberem das várias partes que compõem o corpo do mesmo e fazer uma breve explicação do processo necessário para a produção sonora neste instrumento, que é semelhante ao processo de produção sonora apresentado no início da aula pelo aluno de Saxofone. Depois de apresentadas as várias características, a colega estagiária passou para a interpretação executando vários excertos musicais de clássicos orquestrais, executando também excertos de um concerto para Clarinete solo. Para terminar, interpretou alguns temas bem conhecidos dos alunos, quer fossem músicas do género pop, quer fossem músicas relacionadas com aplicações ou jogos que os alunos utilizam nos seus dispositivos eletrónicos e apenas com um instrumento, a colega conseguiu demonstrar a versatilidade que a execução instrumental proporciona, evidenciando que independentemente do género musical, tudo depende do nosso gosto e empenho, ficando bem visível nos alunos o interesse em querer saber mais e uma vontade constante em querer participar de um modo prático.

A família da percussão foi a escolhida para terminar a apresentação, ficando a tarefa a meu cargo. Dada a dificuldade de obter os instrumentos de percussão orquestral, tive que adaptar-me aos recursos disponíveis na sala de aula.

Considero que a capacidade de ser criativo é também um aliado importante no desempenho da profissão de docente e como tal, pus em prática toda a minha criatividade para elucidar os alunos do que rodeia esta família instrumental, tendo como recursos: instrumental orff e uma bateria eletrónica que estava parada na sala por falta de um transformador.

A fásquia estava elevada, pois a colega estagiária tinha deixado o entusiasmo e a curiosidade num nível elevado, contudo, poucos são os alunos do ensino básico que conhecem os instrumentos que integram o plano curricular do ensino da percussão, dos quais

se destacam: os Tímpanos, a Caixa de Rufo, a Marimba, o Vibrafone e a Multi-percussão (que engloba um conjunto variado de instrumentos).

Um dos aspetos que queria evidenciar, pois tinha a convicção de que iria causar impacto, era o facto de que para executar Marimba e Vibrafone, são usadas normalmente quatro baquetas, ao invés das duas habituais. Para este efeito, juntei vários xilofones e metalofones orff de maneira a conseguir obter várias oitavas e ter espaço para usufruir das quatro baquetas, despertando assim a curiosidade dos alunos por uma das classes da família da percussão. Enquanto juntava os instrumentos de lâminas, os alunos permaneciam em silêncio, com um ar de espanto, pois não estavam a perceber o que eu iria fazer com tantos instrumentos. Antes de tocar, comecei por lhes explicar a família da percussão e inteirar-lhes das várias classes que esta apresenta como a das madeiras, dos metais e das peles, e que dentro destas três classes temos ainda os instrumentos de altura definida e os instrumentos de altura indefinida.

Após surgirem algumas dúvidas e as mesmas serem esclarecidas, passei para o momento prático. Retirei as quatro baquetas da mochila, coloquei duas em cada mão e fez-se silêncio, acompanhado de alguns olhares entre os alunos, mesmo sem perceberem muito bem o que eu iria fazer com as quatro baquetas. Conforme comecei a interpretar uma música, o olhar incrédulo dos alunos já faziam antever as diversas questões que iriam surgir, sobretudo relacionadas com as técnicas utilizadas para tocar com as quatro baquetas e assim foi. Depois de breves minutos a tocar, pousei as baquetas e deixei-os à vontade para exporem todo o tipo de questões que lhes tinham surgido enquanto eu tocava. As questões foram do mais diversificado possível, mas o que mais me impressionou, foi ver a curiosidade geral da turma e a vontade de perceber tudo. De seguida sugeri que escolhessem algumas músicas para eu interpretar e o entusiasmo continuava a crescer e foi então que sugeri à colega estagiária que colaborasse comigo, efetuando ela as melodias dos temas sugeridas pelos alunos no clarinete, ficando a meu cargo o acompanhamento harmónico das mesmas.

Para completar a família da Percussão, dentro dos recursos disponíveis, sugeri ao professor cooperante que fosse para o piano acompanhar com as harmonias, a colega estagiária mantinha-se nas melodias e eu passava agora para a bateria eletrónica (adicionando assim uma componente rítmica com sonoridades que por si só, já deixam a maioria das crianças entusiasmadas) juntando assim mais uma classe da Percussão, as peles, ainda que

eletrônicas já permitiam aos alunos perceberem a sua sonoridade. Foi notório nos alunos o impacto das sonoridades da bateria que rapidamente esboçaram sorrisos e soltaram alguns movimentos corporais, evidenciando o balanço da música. Eis que de repente, soa a campainha da escola, já tinham passado as duas horas de aula e os alunos nem se aperceberam tal era o entusiasmo e a satisfação com que assistiram e interagiram na aula. Todos sem exceção, frisaram que gostavam de ter mais aulas como esta, práticas, divertidas e repletas de aprendizagem, com recursos a mais instrumentos para as atividades. e como tal, preparamos a aula seguinte dentro dos mesmo parâmetros, associando os conteúdos teóricos de uma forma prática e por imitação, depois de bem interiorizada na prática, passar para as explicações teóricas.

Na aula seguinte, o tema musical apresentado no livro (para aprendizagem vocal, instrumental e rítmica utilizando a Flauta de Bisel e a Percussão Corporal) era o "Gimme hope, Jo'anna" de Eddy Grant, tema esse com constantes entradas em contratempo, dificultando a execução sobretudo pela escrita musical, para quem não está familiarizado com a mesma. Ao perceberem as dificuldades apresentadas pelos alunos com os contratempos, eu direcionei-me para o Piano e a colega estagiária montou o clarinete, para em conjunto interpretarmos a música e criarmos alguns exercícios de modo a que os alunos se pudessem inteirar das novidades rítmicas apresentadas neste tema.

Começamos por ouvir atentamente a música e de seguida repetir o início algumas vezes, visto que este acontece em anacrusa, ou seja, a música inicia-se no decorrer do compasso e não no início do mesmo e neste caso em concreto, no quarto tempo do compasso com duas colcheias. Depois de algumas repetições esta dificuldade foi ultrapassada e todos os alunos conseguiram iniciar a música percebendo o que tinham que fazer. Ainda assim, no segundo compasso, as duas primeiras notas surgem em contratempo, o que se revelou inicialmente uma dificuldade acrescida para alguns alunos, mas que rapidamente foi superada, com recurso primeiramente a um exercício que elaborei com recurso ao Piano e depois com base na repetição dos segmentos rítmicos. O exercício que efetuei, consistia em tocar uma nota grave no tempo forte (que representa a pulsação) e uma nota aguda no tempo fraco (que representa o contratempo) e pedir aos alunos que batessem palmas em simultâneo com a nota aguda. Assim que todos se inteiraram do balanço da música e dos seus contratempos, completei os dois primeiros contratempos com o ritmo que restava no compasso e rapidamente os alunos conseguiram reproduzir o primeiro e segundo compasso

de uma forma sequenciada e não como exercícios isolados. Dois compassos mais à frente, temos novamente uma sequência rítmica pouco conhecida pelos alunos até à data e como tal, cabia nos a nós estagiários ajudar os alunos a ultrapassar esta nova condicionante, contudo o ambiente vivido na sala de aula era de luta constante pelas adversidades e de celebração pelas conquistas. A cada compasso ultrapassado era visível a vontade de ir mais além e chegar ao fim da música, demonstrando um enorme espírito de grupo e de sacrifício na aprendizagem, ajudando-se mutuamente consoante as valências e condicionantes que cada um demonstrava, ultrapassando todos os obstáculos com que se deparavam. Rapidamente os alunos conseguiram inteirar-se de todas as sequências rítmicas apresentadas ao longo da canção e foi possível associar algo que já sabiam fazer na prática, a um determinado contexto teórico, recorrendo à partitura para juntar a letra da música ao ritmo e perceber com mais exatidão o significado da escrita musical nesta canção, o que por norma é visto pelos alunos como algo demasiadamente complicado.

Com a parte cantada da música já trabalhada e estável, passamos para a secção da música dedicada à prática instrumental, neste caso para a Flauta de Bisel. Nesta “parte B” da canção, são utilizadas as oito notas que compõem a escala de dó maior na flauta, desde o dó grave ao dó agudo e talvez por utilizar essas oito notas, no que diz respeito ao ritmo, esta segunda parte apresenta sequências rítmicas bastante acessíveis quando comparadas com a parte cantada, o que tornou mais fácil e rápida a sua preparação. Depois de recordar as posições das notas na Flauta de Bisel, fizemos duas leituras da “parte B” e assim que demonstraram segurança, juntamos ambas as partes que já estavam trabalhadas ficando só a faltar a terceira parte da canção, que estava reservada para a Percussão Corporal.

Tal como se previa para esta terceira parte, a “parte C” da canção, foi com muita rapidez que os alunos a prepararam. Tratava-se apenas de quatro compassos com sequências rítmicas de semínimas e colcheias repartidas entre palmas, pernas e pés.

Esta foi sem dúvida mais uma aula, que me faz acreditar que a prática deve anteceder a teoria, dando assim oportunidade aos alunos para perceber os aspetos teóricos com base no que reproduzem, mesmo que seja apenas por imitação numa fase inicial da aprendizagem.

Senti-me bastante realizado com o trabalho desenvolvido neste período de estágio. As atividades foram bem recebidas pelos alunos, que demonstraram agrado nas estratégias

encontradas para ultrapassar as dificuldades, participando sempre de uma forma muito empenhada e interessada. Apercebi-me da importância de seguir os procedimentos e metodologias com coerência e persistência, permitindo uma evolução nas aprendizagens e um sentimento de realização e conquista.

Procurei soluções que de forma a uniformizar os níveis de interesse dos alunos pela disciplina de Educação Musical, inculcando na turma um espírito de grupo coeso e equilibrado, onde as potencialidades individuais de cada aluno são direcionadas para um objetivo comum, demonstrando como a diversidade da prática musical aplicada em grupo, pode evidenciar uma preponderância fundamental na estimulação do interesse pela disciplina.

Para Cardoso, (2013) *“aprender é uma atividade mais eficaz quando tem lugar dentro de um grupo que pretende realmente aprender”* (p. 211), e foi este o ponto de partida para a minha procura de soluções.

Num processo semelhante ao de uma orquestra, pretendi obter de cada turma, um grupo de trabalho estruturado, congregando diferentes práticas musicais para alcançar um objetivo coletivo, dando prevalência aos interesses e potenciais de cada aluno. Se todos somos diferentes, desde os gostos aos potenciais, é a meu ver limitador restringir todos alunos à mesma prática musical.

Utilizando todos os recursos que dispúnhamos na sala de aula, conseguimos obter uma vasta diversidade sonora, que serviu como um motivo de interesse para algum dos alunos que não demonstravam tanta empatia por determinada prática. No fundo, acredito que um contexto de aulas mais dinâmicas e com mais atividades práticas e diversificadas, permitiu aos alunos que participassem nas mesmas de uma forma lúdica e estimulante.

Para John Paynter (1992), *“a compreensão musical faz-se mediante a experiência ativa, através da composição e da execução”. A participação e apreciação complementam-se neste processo e não se podem limitar a uma experiência passiva”*.

Um aluno que não tenha o melhor apreço pela prática da Flauta de Bisel ou pelo Canto, pode até gostar de percutir e ver nos instrumentos de percussão um motivo de interesse, mas se apenas lhe for proporcionado a prática de Flauta ou Canto, pode nem chegar a desenvolver o gosto pela música.

Numa fase inicial do contacto com a disciplina, considero que a principal tarefa de um professor, deve ser a de cativar os alunos, despertando-lhes o gosto e a curiosidade. Neste estágio, utilizei sempre que possível, a prática musical diversificada para demonstrar como a mesma pode ser uma ajuda fundamental para essa tarefa.

Tal como podemos observar no programa oficial de Educação Musical para o EB - 2.º Ciclo, *"fazer-se música é a questão mais importante. Teoria e informação são suportes que, por si só, não levam à compreensão musical. Nunca poderão substituir-se ao envolvimento pessoal dos alunos com a Arte."* (Ministério de Educação, 1991, p. 213)

Nesta linha de processos, acredito que o facto de adaptar os conteúdos práticos da disciplina consoante as valências dos alunos, bem como dos recursos disponíveis na sala de aula, revelou-se como uma medida bastante benéfica, permitindo-lhes encontrar uma prática musical que fosse de encontro aos gostos e potenciais individuais.

Segundo Benedetti & Kerr (2009) *"toda a criança possui um potencial de aprendizagem que deve ser descoberto e trabalhado nas situações formais/intencionais de ensino"* (p. 83) e cabe ao professor, na perspetiva de Roldão & Almeida (2018), *"tomar decisões quanto ao modo de fazer o que se julga mais adequado para produzir a aprendizagem pretendida"* (p. 23), interpretando e gerindo o currículo de acordo com as potencialidades das turmas e dos alunos.

Seguindo estes princípios e indo de encontro ao tema *"Em cada turma uma orquestra"*, considero ter atingido os objetivos a que me propus no início do estágio para as aulas lecionadas, obtendo das turmas grupos coesos e solidários, empenhados na aquisição dos conteúdos da disciplina e demonstrando sempre muito interesse e motivação em prol da obtenção dos objetivos coletivos, refletindo uma união extraordinária no combate às dificuldades apresentadas nas tarefas e atividades desenvolvidas, recorrendo sempre às práticas musicais.

4.4 Outros Contextos de Lecionação

Para este último subcapítulo do relatório e em concordância com o orientador científico, optei por relatar o contexto de lecionação presenciado no primeiro ciclo. Através da minha experiência nos últimos dois anos e meio enquanto colaborador de uma empresa que se dedica às Atividades de Tempos Livres e às Atividades de Enriquecimento Curricular no ensino básico, inicialmente como docente da disciplina de ALE (Atividades Lúdico Expressivas) e mais tarde (após uma “luta” pessoal) como professor de Música para as Atividades de Enriquecimento Curricular, tenciono demonstrar o quão importante se pode revelar esta disciplina logo no primeiro ciclo.

Para desenvolver este tema, apresento agora alguns dados referentes a esta nova experiência na docência, num contexto muito diferente do que tinha desempenhado até ao momento, no grupo de trabalho das AEC - Atividades Extra Curriculares.

Tomei esta decisão com o intuito de lecionar a disciplina de música e proporcionar aos alunos um contacto diferente com a disciplina, pois considero que o primeiro contacto com algo novo pode definir o interesse que as crianças irão demonstrar à posteriori.

Sabendo que estava perante uma realidade completamente diferente no que diz respeito às metodologias e conteúdos de trabalho, apressei-me em tomar conhecimento das matérias a desenvolver, bem como dos objetivos a concretizar, e foi então que me apercebi de que não iria lecionar a disciplina de música mas sim, de AEC - Atividades Lúdico Expressivas, que englobam diversas áreas das expressões. Para um melhor desempenho da minha função, sugeri aos responsáveis pela disciplina que me fosse permitido adaptar as matérias a lecionar, direcionando-as para as áreas onde me sinto melhor preparado e com confiança total para a prática das minhas funções, permitindo-me assim fazer a gestão do currículo e adaptar as aprendizagens de acordo com as minhas virtudes profissionais.

Após a aceitação da minha proposta por parte dos responsáveis, foquei-me na procura de ideias e soluções para adaptar o currículo, tendo sempre por base os objetivos pretendidos

pela disciplina. Visto que os conteúdos das ALE são iguais para os quatro anos do primeiro ciclo, o primeiro passo que tomei foi desde logo o de criar um fio condutor que delineava o trabalho com um objetivo que se estendia ao longo destes anos, evitando deste modo que os alunos repitam os mesmos conteúdos e as mesmas atividades durante todo o 1º ciclo, ano após ano.

Como segunda medida, optei por reunir com as professoras titulares das turmas que eu iria lecionar as ALE, com o intuito de perceber até que ponto as áreas que eu iria trabalhar, já estariam englobadas no programa do 1º ciclo, de maneira a não me intrometer no trabalho das professoras nem estar a repetir conteúdos aos alunos e assim, começou uma nova etapa na minha experiência de docência.

Logo no primeiro dia de contacto com os alunos, percebi que a grande maioria não estava muito interessada em ter aulas de música, o que me deixou logo entusiasmado, pois tratava-se da minha área, onde me sinto completamente à vontade e nada melhor que um bom desafio para começar o ano letivo. Posto isto, optei por iniciar com todas as turmas um trabalho mais direcionado para a música, pois se os conseguisse motivar e cativar para estas aulas, que não lhes suscitavam qualquer interesse, seria mais fácil daí em diante obter o controle e a confiança de todos os alunos, o que felizmente se veio a concretizar.

Para explicitar melhor os procedimentos que adotei enquanto intérprete e gestor do currículo, escolhi três exemplos de adaptação de conteúdos e atividades (duas delas fora do contexto musical) que explorei ao longo dos anos nas diversas turmas que tenho a meu cargo, com o intuito de demonstrar a importância do gosto e interesse demonstrado pelo professor, nas tarefas exigidas aos alunos e o reflexo que essa atitude tem nos mesmos.

Sendo a música a área onde me sinto mais confiante, acabou por ser fácil a escolha dos primeiros conteúdos a lecionar. Optei por juntar os dois primeiros módulos apresentados no plano anual de atividades, 1. O corpo e a voz; 2. Assim se faz música; para dar início à gestão curricular que me tinha sido autorizada.

Quando se iniciaram as aulas e me deparei com o excessivo desinteresse pela área musical que os alunos evidenciaram, antes de introduzir qualquer matéria, foquei-me inicialmente em perceber o motivo da falta de interesse, para conseguir despertar nas crianças o gosto pela música e sendo eu um orgulhoso sesimbrense e conhecedor das tradições, pensei que seria mais fácil começar por trabalhar as “nossas” canções, com a “nossa” história. No entanto, foi com enorme surpresa que me apercebi do desconhecimento absoluto na grande maioria dos alunos no que diz respeito à história da nossa vila, quer fossem as várias lendas, ou até mesmo as canções tradicionais alusivas às nossas gentes, tudo era desconhecido e vi nessa lacuna a oportunidade ideal para os cativar.

Numa tentativa de suscitar nos alunos o interesse e a curiosidade necessária, propus-lhes que aprendessem algumas das músicas com o objetivo de participar num concerto do único grupo musical que mantém vivas as tradições musicais da vila de Sesimbra, obtendo com isso um aumento dos níveis de motivação. Ainda assim, os alunos não estavam a acreditar no que lhes tinha transmitido e disseram prontamente que eu só poderia estar a brincar, jamais os músicos iriam querer que eles (alunos do primeiro ciclo) participassem no concerto. Como é óbvio não iria enganar os alunos e como tal, já tinha estado em contacto com alguns dos elementos do grupo, que prontamente se disponibilizaram para efetuar esta parceria. Depois foi fácil, bastou apenas mostrar-lhes as mensagens trocadas, deixando-os em êxtase e cheios de vontade de dar início a este projeto que infelizmente acabou cancelado pouco tempo antes da apresentação pelas restrições da pandemia.

Este foi sem dúvida um bom momento de ligação criado entre a turma e o professor, que me possibilitou desde logo ganhar a confiança dos alunos, que não voltaram a questionar-me relativamente à veracidade do que lhes transmitia.

Já com o interesse dos alunos em níveis superiores aos iniciais, pois estavam a gostar das aulas, comecei por introduzir as temáticas planeadas para estes dois primeiros módulos, 1. O corpo e a voz e 2. Assim se faz música, porém, ao invés de os alunos criarem instrumentos musicais com materiais reciclados como já é habitual desde o pré-escolar e também sugerido no módulo 2, optei por utilizar o corpo e a voz como dois instrumentos,

sendo o corpo um instrumento de percussão e a voz como um instrumento melódico, que quando efetuado em conjunto, torna-se também num instrumento harmónico.

O gosto e o interesse foram surgindo, e rapidamente começaram a ser os próprios alunos a sugerir canções, ou exercícios de percussão corporal que tinham pesquisado na internet para efetuar-mos na aula.

Com a junção destes módulos e aplicados com uma gestão de conteúdos e atividades diferentes das inicialmente pretendidas, consegui captar a atenção de todas as turmas e promover a curiosidade perante uma área que poucas semanas antes, era indesejada pela grande maioria dos alunos.

Passando ao segundo exemplo, vou agora relatar o modo como interpretei e apliquei o módulo 5. Mãos à obra, numa turma do 2º ano. Este módulo tem como objetivo a elaboração de elementos didáticos, sendo sugerido como atividades, a construção de jogos ou brinquedos. Como tal decidi adicionar outro objetivo, o da socialização familiar, no sentido em que um jogo de tabuleiro pode servir como um momento de reunião para convívio e diversão, retirando as crianças dos tão habituais dispositivos móveis e consolas.

Com o intuito de obter resultados, mantive-me no caminho da tradição e em vez de construirmos os habituais jogos de tabuleiro que regra geral já todas as crianças têm em casa, e muito provavelmente acabariam por ir fora quando chegassem ao destino, optei por lhes dar a conhecer um jogo de tabuleiro tradicional de Sesimbra que não se vende em lojas comuns e que todos os familiares dos alunos iriam reconhecer e relembrar algumas situações da infância, o famoso “Não te irrites” (em Sesimbra).

Mais do que construir um jogo de tabuleiro, o meu objetivo era que quando o trabalho elaborado chegasse a casa, provoca-se nos encarregados de educação ou familiares, um sentimento de lembrança e de recordação, captando a atenção dos mesmos e promovendo a vontade de jogar e explicar às crianças as “técnicas perfeitas” para ganhar o jogo,

retirando-os assim por algum tempo que fosse da frente dos ecrãs, em prol do convívio familiar.

Confesso que foi com enorme satisfação que passado poucos dias dos trabalhos serem terminados e levados para casa, começaram a surgir relatos de alunos e de alguns familiares que tinham estado a jogar “Não te irrites” em família durante o fim de semana, o que me levou a acreditar que o objetivo foi cumprido, aproximando os alunos da família e aumentando os laços de ligação entre nós.

O terceiro exemplo e possivelmente o que mais me marcou, acabou por ser suspenso na sua fase final devido ao encerramento das escolas imposto pelo governo no combate ao COVID-19.

Englobando três módulos num só (4. Sou artista; 6. Passo a passo e 7. Modelagem), nesta longa atividade, decidi elevar a fasquia e pôr à prova os alunos com diversas tarefas ambiciosas, visto tratar-se de uma turma de 4º ano.

O módulo 4 pretende consciencializar os alunos para a preservação do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável do planeta, incutindo o espírito de reutilização de materiais; o módulo 6 incide na fomentação da criatividade e o módulo 7 na modelagem de materiais.

Comecei por lhes apresentar diversos vídeos onde a temática principal era o meio ambiente e os danos causados no planeta por culpa dos seres humanos. Foi muito interessante, ver como crianças de nove e dez anos apresentam uma sensibilidade muito superior aos adultos quando se trata do meio ambiente.

Depois de apresentada a temática, visionamos vários vídeos elaborados com personagens e cenários de plasticina, e outros vídeos a demonstrar como se podia produzir um pequeno filme nestes parâmetros. Rapidamente, o entusiasmo começou a surgir, e o trabalho ganhou forma.

Para uma maior abrangência de conteúdos no que diz respeito às temáticas apresentadas nos filmes, comecei por pedir que se separassem em cinco grupos, e cada grupo tinha de começar por escolher um tema para explorar dentro do que tínhamos visionado e debatido em aulas anteriores. Depois de terem sido escolhidos e aprovados os temas, iniciou-se o processo de criatividade, onde lhes pedi que comessem a escrever a história e eventuais diálogos. Os temas foram variados, desde as ilhas de lixo do pacífico, aos fogos na Austrália, a imaginação rapidamente se apoderou das mentes destes alunos e os resultados eram surpreendentes. Desenharam os cenários, estruturaram as falas, moldaram em plasticinas as personagens e os artefactos que pertenciam às suas histórias, idealizaram tudo, só faltou mesmo a concretização final, gravando o vídeo e as vozes, que se iria dar início na semana em que os estabelecimentos de ensino encerraram (por motivos da situação pandémica).

Ainda assim, mesmo sem a concretização final, o trabalho foi um sucesso, tanto pelas fantásticas moldagens apresentadas, como pela genialidade das histórias; todos os alunos demonstraram uma preocupação genuína de quem percebeu que pode ajudar a transformar o mundo.

Com esta experiência, estou em crer que cada vez mais se torna importante dar ao professor as condições e a liberdade necessárias para que o mesmo possa pôr em prática os seus conhecimentos e a importância que o mesmo pode ter enquanto intérprete e gestor do currículo, proporcionando aos alunos novas experiências e novas aprendizagens, cativando-os para os conteúdos com práticas diversificadas tendo em conta as valências individuais de cada um deles.

5. Conclusão

Na descrição e reflexão exposta neste trabalho sobre a Prática de Ensino Supervisionada realizada, procurei focar e traduzir o princípio que me guiou ao longo deste percurso: desenvolver e aplicar uma metodologia que privilegie o ensino da disciplina de Educação Musical através da diversidade da sua prática. Nas aulas lecionadas, procurei seguir uma linha de trabalho com os alunos que tirasse partido da minha experiência enquanto músico de formação Clássica e de Jazz, de forma a desenvolver um trabalho que não só me realizasse enquanto professor, mas que também pudesse ser proveitoso para os alunos, ao estimulá-los para a disciplina e desenvolvendo o seu gosto e aptidão musical.

Quando proponha aos alunos que efetuassem diferentes exercícios práticos de maior complexidade, fazia-o consciente de que estavam capacitados para os executarem. Ainda que nas suas mentes pudesse parecer algo demasiadamente difícil, eu sabia que se tratava de uma barreira que iriam facilmente ultrapassar aumentando assim os níveis de confiança de uma forma mais motivante e entusiasmante após atingirem os objetivos.

Prova disso foi o empenho e boa receção por parte dos alunos às atividades propostas, que resultaram não só na evolução das aprendizagens, mas também na manifestação de um sentimento de realização e conquista essencial para o seu desempenho na disciplina e o seu desenvolvimento pessoal. Como foi sendo referido ao longo do relatório, a necessidade de estimular o envolvimento dos alunos numa disciplina, passa também por reconhecer a importância de corresponder aos seus gostos musicais e às suas expectativas, propondo atividades com as quais se identifiquem e de cujo o resultado se orgulhem.

Segundo Keith Swanwick (pesquisador e educador musical Inglês), os atributos necessários para se ser um bom professor de Música passam pela capacidade de desenvolver um discurso musical fluente nos alunos e não necessariamente pelo domínio da notação musical. Assim, é fundamental que o professor seja capaz de transmitir aos alunos a importância da música e de a ensinar enquanto forma de expressão.

É essencial utilizar atividades e propostas simples de modo a que os alunos consigam fazer música a partir das mesmas de uma forma intuitiva e criativa, desfrutando da experiência ao máximo. Esta capacidade está ao alcance dos mais jovens e deve ser estimulada e desenvolvida.

Ao longo da frequência do mestrado e mais concretamente durante o período de estágio, foi-me possível estudar e refletir sobre os conteúdos programáticos e a organização da disciplina de Educação Musical no segundo ciclo do Ensino Básico. A experiência de observação e lecionação, proporcionou-me adquirir um vasto leque de novas aprendizagens e de descobertas que dificilmente as teria fora desta experiência.. Enriqueceu-me de igual modo a produção, a aquisição de materiais e recursos que poderão no futuro ser usados para a lecionação da disciplina.

As competências aperfeiçoadas ao longo da Prática de Ensino Supervisionada no que diz respeito à planificação de aulas, ao conhecimento do currículo e dos programas da disciplina, à aquisição de estratégias pedagógicas e criação de materiais para a lecionação de aulas, foram sem dúvida fundamentais para uma preparação teórica e prática em virtude da eventual lecionação da disciplina de Educação Musical no Ensino Básico num futuro breve.

Considero assim, que a satisfação que obtive pela realização deste estágio, bem como deste relatório, está espelhada no mesmo, demonstrando as minhas experiências mais marcantes e vivenciadas nos últimos dois anos. Transmiti as minhas reflexões, as minhas opiniões e até as minhas ideias, algumas delas sustentadas por pedagogos e educadores musicais já referenciados, mas tentei acima de tudo, evidenciar o modo como reflito perante a vida e a minha profissão, sempre em busca de alcançar em conjunto um bem comum, com recurso às aptidões individuais de cada elemento dando prevalência ao objetivo coletivo, pretendendo assim obter em “UMA TURMA, UMA ORQUESTRA”, combatendo o desinteresse com a prática em conjunto.

6. Referências Bibliográficas

Amaral, D., Jorge Domingues, & Neves, A. (2016). *100% Música - Educação Musical 5º ano*. Lisboa: Texto Editora.

Bennet, Roy. (1985). *Instrumentos da Orquestra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

Boal-Palheiros, G. (2014). A importância da música no desenvolvimento e na educação das crianças. In J.D.L. Pereira, M.F. Vieites & M.S. Lopes (Coord.), *As Artes na Educação* (pp. 207-221). Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação cultural.

Borges, M. (2018). *Escola de Música do “Conservatório Nacional de Lisboa” – Breve notícia histórica*. Consultado em setembro de 2021: <http://www.emcn.edu.pt/index.php/instituicao/apresentacao/historia>

Cosme, A. (2018). *Autonomia e Flexibilidade Curricular*. Porto: Porto Editora

Cruvinel, F. M. *Educação Musical e Transformação Social*. Goiânia: Unesp, 2005.

Cunha, António Camilo. (2008). *Ser Professor – Bases de uma Sistematização Teórica*. Braga: Casa do Professor.

Decreto-Lei nº 212/2009. D.R. Série I. 171 (2009-09-03) pp. 5887-5889.

Despacho n.º 17169/2011. D.R. Série II. 245 (2011-12-23) p. 50080.

Decreto-Lei n.º 139/2012. D.R. Série I. 129 (2012-07-05) pp. 3476-3491.

Despacho n.º 9265-B/2013. D.R. Série II. 134 (2013-07-05) p. 22210.

Decreto-Lei n.º 54/2018. D.R. Série I. 129 (2018-07-06) pp. 2918-2928.

Gordon, E. (2000). *Teoria da aprendizagem musical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Griffiths, Paul. (1987). *A Música Moderna – uma história concisa e ilustrada de Debussy a Boulez*. Rio de Janeiro: Zahar Editor

Korthagen, Fred (2004). In search of the essence of a good teacher: Towards a more holistic approach in teacher education. *Teaching and Teacher Education*, 20(1), 77-97.

Ministério da Educação (1991a). *Programa de educação musical - Plano de organização do ensino-aprendizagem*, vol. I, Ensino Básico: 2.º ciclo. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Ministério da Educação (1991b). *Programa de educação musical - Plano de organização do ensino-aprendizagem*, vol. II, Ensino Básico: 2.º ciclo. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Ministério da Educação (2001). *Orientações Curriculares de Música no 3º ciclo do Ensino Básico, Vol. I*. Consultado em setembro de 2021:

https://www.apem.org.pt/docs/OrganizacaoCurricular_e_Programa_3CicloEB.pdf

Ministério da Educação (2001a). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*. Consultado em setembro de 2021:

http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/wp-content/uploads/2010/09/Curriculo_Nacional1CEB.pdf

Ministério da Educação (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Consultado em setembro de 2021:

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais – Articulação com o perfil dos alunos, 2.º ciclo do Ensino Básico, Educação Musical*. Consultado em setembro de 2021:

<https://www.apem.org.pt/docs/aprendizagens-essenciais/2c-educacao-musical.pdf>

Mota, G. (2014). Educação musical em Portugal: uma história plena de contradições. *Revista Debates*, 13, 41-50.

In Rodrigues, H., Rodrigues, P. & Nunes, P. (2003). Aspectos sobre desenvolvimento musical de recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar segundo a perspetiva de Edwin Gordon. *BebéBabá – da musicalidade dos afectos à música com bebés*. 37-53. Porto: Campo das Letras.

Rodrigues, H. & Rodrigues, P.M. (2014). Arte de Ser Professor. O projeto musical e formativo Grande Bichofonia. Lisboa: Edições Colibri.

Sacristán, J. Gimeno (2000). O Currículo: uma Reflexão sobre a Prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.

WILLEMS, Edgar. (1970). As bases Psicológicas da Educação Musical. Bienne (Suiça): Edições Pro Musica.

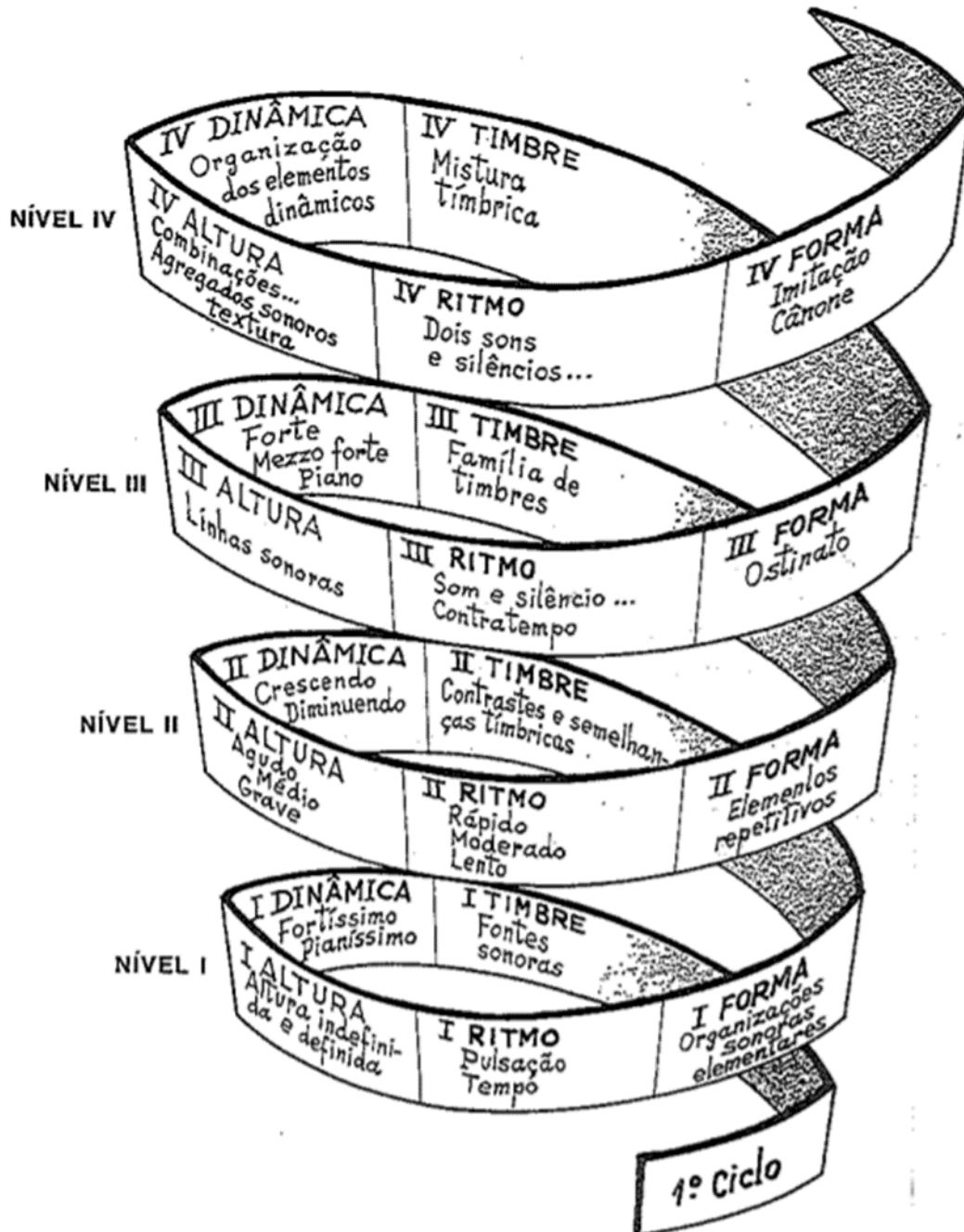
7. Anexos

Anexos A.

Documentos relativos à P.E.S

A1. Espiral de Conceitos adaptada de

Manhattanville Music Curriculum Program



A2. Organizadores das Aprendizagens Essenciais

As Aprendizagens Essenciais (AE) apresentadas neste documento para o 2.º Ciclo do Ensino Básico foram estruturadas a partir de três Domínios/Organizadores comuns à Educação Artística:

- Experimentação e criação;
- Interpretação e comunicação;
- Apropriação e reflexão.

Experimentação e criação: Pretende-se que se desenvolvam competências de exploração/experimentação sonoro-musicais, improvisação (tanto no sentido de variação sobre uma estrutura musical pré-existente, como de criação/composição em tempo real) e composição musical. É de salientar que foi dada particular relevância a esta dimensão de experimentação/criação, visto considerar-se um domínio basilar para aprendizagens significativas. Neste sentido, o conjunto de atividades de experimentação e criação a desenvolver ao longo do 2.º ciclo, efetivam-se com a regularidade e complexidade gradual destas práticas.

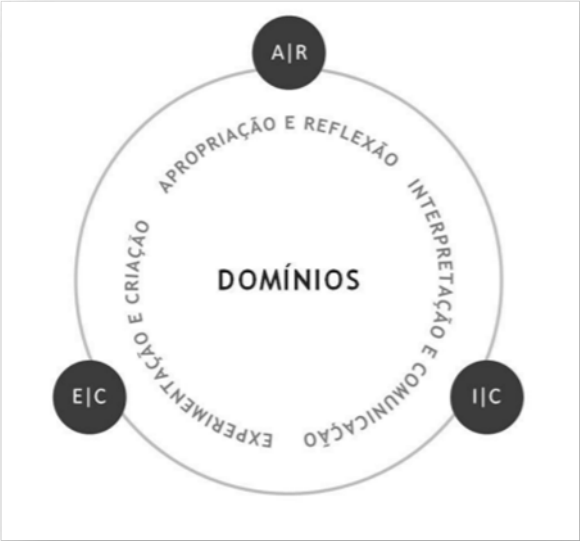
Interpretação e comunicação: Pretende-se que se desenvolvam competências relativas à performance/execução musical, ou seja, cantar, tocar, movimentar, bem como as relativas a formas de comunicar/partilhar publicamente as performances e/ou criações. Durante este ciclo, a organização e realização de momentos de divulgação e comunicação de práticas musicais, no interior da escola e/ou na comunidade, vão refletir o desenvolvimento das aprendizagens em ação.

Apropriação e reflexão: Pretende-se que se desenvolvam competências referentes a processos de discriminação, análise, comparação de elementos sonoro-musicais, com o propósito de permitir escolhas fundamentadas em relação ao fazer e ao ouvir musical, através

de uma reflexão crítica sobre os universos musicais. Também existe neste organizador uma preocupação na apropriação de terminologia e vocabulário específico da Música, visto permitir o domínio das convenções musicais, útil na compreensão e na reflexão crítica. Assim, no decurso deste ciclo, pretende-se que o aprofundamento e desenvolvimento da terminologia e vocabulário musical acompanhem e estejam integrados nas práticas musicais que se realizam.

A voz e o corpo da criança, bem como os objetos do seu quotidiano, são os recursos privilegiados para o desenvolvimento musical neste nível educativo. As atividades musicais deverão ser exploradas a partir dos elementos musicais de melodia, harmonia, ritmo, pulsação, divisão, métrica, dinâmica, textura, forma e timbre. Contudo, dever-se-á ter em conta que a experiência musical é holística, total, portanto, os elementos musicais anteriormente referidos deverão ter um papel de clarificadores, facilitadores e sistematizadores da escuta, prática e criação musicais dos alunos.

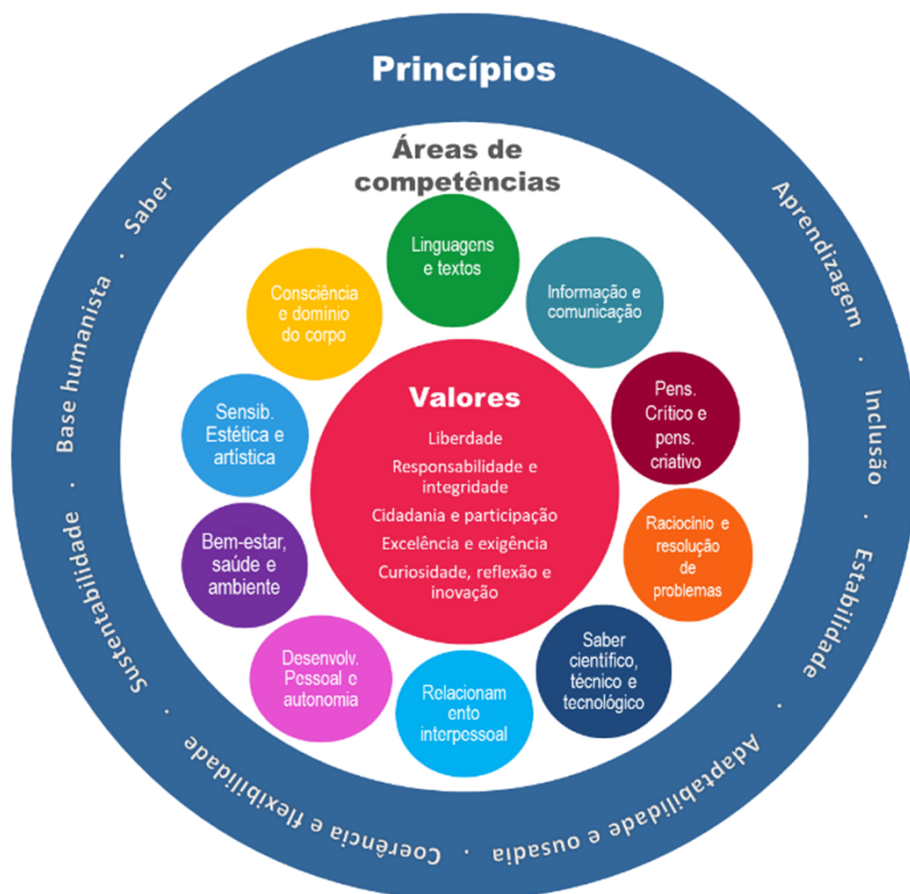
Os três Domínios/Organizadores expostos anteriormente foram elaborados de acordo com o currículo da Música presente em documentos do Ministério da Educação para os diferentes ciclos de ensino. O modelo curricular contempla três grandes áreas interdependentes, designadamente a Audição, a Interpretação e a Criação/Composição. Tentou-se conciliar o currículo da Música em vigor com os organizadores comuns da Educação Artística, por um lado, por se enquadrarem conceptualmente nos três domínios/organizadores musicais mencionados, e, por outro, para facilitar a transversalidade das áreas do conhecimento uma vez que proporciona o cruzamento entre conceitos e competências das diferentes artes, apesar das diferenças intrínsecas de cada área artística. Os referidos Domínios/Organizadores não são encarados como estanques, sendo as atividades de sala de aula uma combinação destes organizadores, como exemplificado no esquema seguinte:



A3. Áreas de competências do Perfil dos Alunos (ACPC)

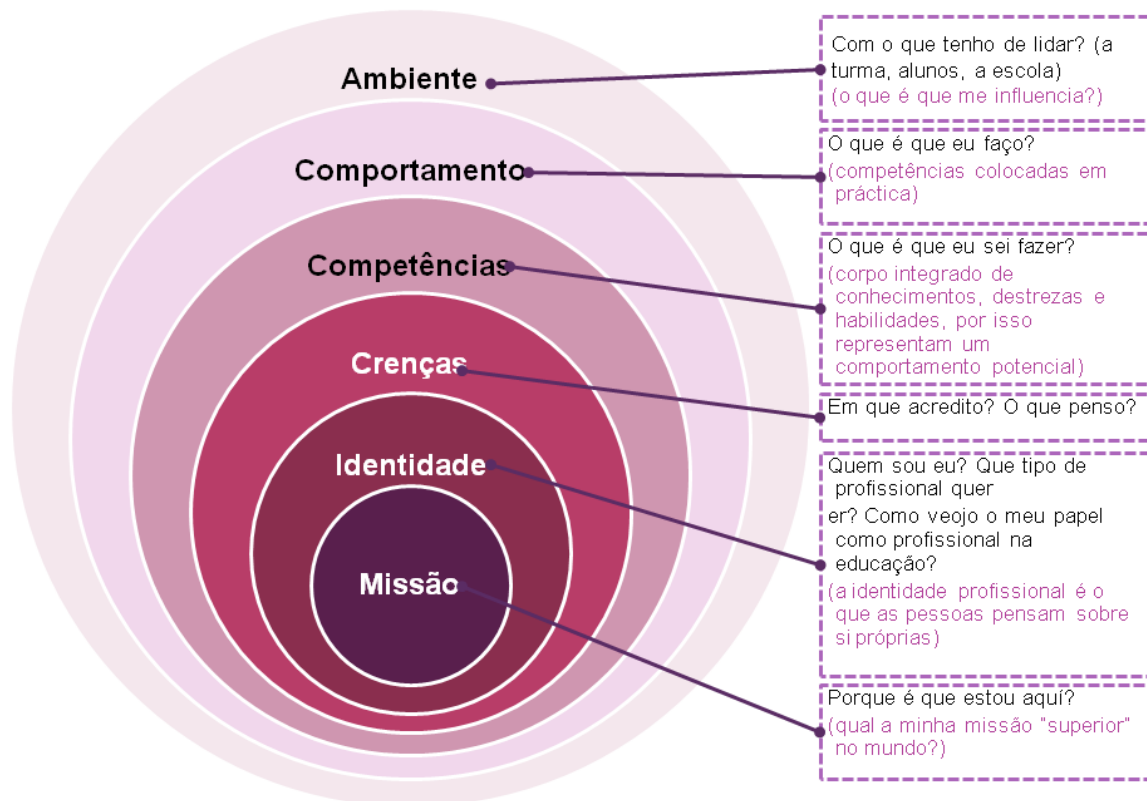


A4. Esquema conceitual do perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória



A.5 Modelo de níveis de reflexão

- «modelo da cebola» de Korthagen



Modelo da Cebola- Um modelo de níveis de reflexão (adaptado de Korthagen, 2009:54)

A6. Critérios de Avaliação

Domínios de Aprendizagem	Categorias do Domínio	Instrumentos de Avaliação	Ponderação
Comportamentos e atitudes	Responsabilidade	<p>É assíduo.</p> <p>É pontual.</p> <p>Traz o material necessário.</p> <p>Tem os materiais de trabalho organizados.</p>	30%
	Respeito / Cumprimento de regras	<p>Tem um comportamento correto.</p> <p>Participa nas aulas quando solicitado.</p> <p>Coopera nas atividades.</p> <p>Respeita a opinião dos outros.</p> <p>Tem um bom relacionamento com os outros.</p> <p>Participa adequadamente, com a turma, em apresentações públicas.</p>	
	Autonomia	<p>Revela persistência e esforço.</p> <p>Manifesta interesse / curiosidade.</p> <p>Manifesta sentido crítico construtivo.</p> <p>Toma iniciativa na resolução de problemas.</p>	
Aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de competências	Interpretação e comunicação	<p>Desenvolver a motricidade na utilização de diferentes técnicas de produção sonora, a nível vocal, instrumental e tecnológico.</p> <p>Desenvolver a memória auditiva.</p> <p>Utilizar corretamente regras de comunicação orais e escritas.</p>	70%
	Compreensão e perceção sonora	<p>É capaz de identificar as qualidades do som.</p> <p>É capaz de reconhecer parâmetros musicais em contexto.</p> <p>É capaz de reconhecer alterações tímbricas, rítmicas e melódicas.</p>	
	Criação e experimentação	<p>É capaz de organizar e selecionar sons.</p>	
	Culturas musicais em contexto	<p>Adquirir conceitos da música.</p> <p>Identificar conceitos musicais em obras de diferentes géneros, épocas e culturas.</p> <p>Identificar características da música portuguesa e do mundo.</p>	

A7. Planificação Anual 5º Ano

- 1º Período

Conceitos	Conteúdos	Objetivos	Atividades	Avaliação
TIMBRE	Meio ambiente, vocal, corporal e instrumental. Instrumentos de percussão: peles, madeiras e metais. Vocal. Corporal.	Identificar e distinguir fontes sonoras pelo seu timbre. Reconhecer visualmente e auditivamente os instrumentos de percussão. Realizar prática vocal em grupo. Executar diversos timbres corporais. Improvisar e compor com timbres corporais.	Loto Sonoro 1; à descoberta do timbre. «Vais conseguir». À descoberta dos instrumentos de percussão. «Funky style». Loto Sonoro 2. Canções de Natal: «Corre caballito», «Que sejas feliz, é Natal!», «Borboleta pequenina». Canções 100% Natal.	Observação direta, em contexto sala de aula, da consecução das atividades propostas e compreensão dos conteúdos lecionados. Avaliação instrumental. Avaliação escrita. Observação e avaliação dos diversos parâmetros comportamentais.
RITMO	Pulsação. Semínima e pausa de semínima. Compasso quaternário. Colcheia.	Identificar a pulsação na música. Identificar, representar e executar figuras rítmicas e respetivas pausas. Ler e reproduzir frases rítmicas. Identificar compassos.	«Don't you worry child». «Não faço questão». «Uptown funk».	
ALTURA	Altura definida e indefinida. Agudo e grave. Pauta musical. Clave. Notas Dó (agudo) e Lá.	Distinguir sons e instrumentos de altura definida e indefinida. Reconhecer auditivamente sons de diferentes alturas . Identificar e representar notação musical na pauta.	À descoberta da altura e à descoberta da flauta de bisel. «Lado a lado».	

		<p>Identificar a flauta de bisel e suas características.</p> <p>Executar notas musicais na flauta.</p>		
DINÂMICA	<p>Piano, <i>mezzo-forte</i> e Forte.</p>	<p>Identificar auditivamente a dinâmica e diversas intensidades musicais.</p> <p>Identificar e representar graficamente a intensidade dos sons.</p> <p>Executar peças musicais com dinâmica.</p>	<p>À descoberta da dinâmica; «Manhattan beach».</p>	
FORMA	<p>Elementos repetitivos e contrastantes.</p> <p>Introdução.</p>	<p>Identificar auditivamente elementos repetitivos e contrastantes.</p> <p>Interpretar peças musicais com diferentes organizações / formas musicais.</p> <p>Identificar a introdução.</p>	<p>«Sunday Bloody Sunday».</p>	

A8. Planificação Anual 5º Ano

- 2º Período

Conceitos	Conteúdos	Objetivos	Atividades	Avaliação
TIMBRE	Instrumental. Vocal. Instrumentos da orquestra: cordas, sopros de madeira, sopros de metal e percussão.	Identificar auditivamente e visualmente os instrumentos de percussão. Realizar prática vocal em grupo. Identificar os instrumentos da orquestra, relacionando-os com a sua família tímbrica. Identificar auditivamente os instrumentos da orquestra.	Loto Sonoro 3. «Pó de arroz». À descoberta da orquestra.	Observação direta, em contexto sala de aula, da consecução das atividades propostas e compreensão dos conteúdos lecionados. Avaliação instrumental. Avaliação escrita.
RITMO	Adagio, moderato e presto. Compasso binário. Ostinato rítmico. Mínima e pausa de mínima.	Identificar andamentos. Reproduzir ostinatos rítmicos com colcheias e em diferentes andamentos. Identificar e executar a mínima e a pausa de mínima. Identificar e executar em compasso binário.	À descoberta dos andamentos. «É melhor não duvidar».	Observação e avaliação dos diversos parâmetros comportamentais.
ALTURA	Notas Sol, Mi, Ré e Dó. Escala Pentatónica.	Identificar e representar notação musical na pauta. Executar notas musicais na flauta. Reproduzir melodias na flauta. Identificar auditivamente a escala pentatónica. Executar a escala pentatónica na flauta.	«Solitário». «Mikado». «Remix». «Dominó». «Chinatown».	

DINÂMICA	Crescendo e Diminuendo. Volume sonoro. Decibel. Piano, Mezzo forte e Forte.	Identificar e representar graficamente a intensidade dos sons. Interpretar na flauta peças musicais com dinâmica. Identificar a unidade de medida da intensidade do som. Identificar as consequências do excesso de volume sonoro.	«Rondó para violino e orquestra». À descoberta do volume sonoro. «Yankee doodle».	
FORMA	Forma binária. Forma ternária. Interlúdio e Coda.	Identificar e executar diferentes organizações/ formas musicais. Identificar o interlúdio e a coda.	«Tempo é dinheiro». «Dias assim».	

A9. Planificação Anual 5º Ano

- 3º Período

Conceitos	Conteúdos	Objetivos	Atividades	Avaliação
TIMBRE	Instrumental.	Identificar visualmente e auditivamente os instrumentos da orquestra.	Loto Sonoro 4. Loto Sonoro 5.	Observação direta, em contexto sala de aula, da consecução das atividades propostas e compreensão dos conteúdos lecionados. Avaliação instrumental. Avaliação escrita. Observação e avaliação dos diversos parâmetros comportamentais.
RITMO	Semibreve. Accelerando e Ritardando. Compasso ternário. Ponto de aumento. Ligadura de prolongação.	Identificar, representar e executar figuras rítmicas e respetivas pausas. Ler e reproduzir frases rítmicas. Identificar diferentes andamentos na música. Identificar e executar em diferentes compassos e sua alternância. Reconhecer e executar o contratempo. Executar notas com ponto de aumento e ligaduras de prolongação.	«Adventure of a lifetime». «Hello, Dolly». «If you don't know me by now».	
ALTURA	Notas Fá e Si. Escala Diatónica de Dó Maior. Pausa de colcheia. Contratempo. Melodia e harmonia. Textura fina e densa.	Identificar e representar notação musical e escalas na pauta. Reproduzir melodias na flauta. Executar a escala diatónica de Dó Maior na flauta. Identificar auditivamente melodia e harmonia. Identificar auditivamente textura densa e fina.	«The river of dreams». O Fado; «Canta-se o fado». «Em contra o Dó». À descoberta da melodia e da harmonia. À descoberta da textura.	

DINÂMICA	Piano, Mezzo forte e Forte. Crescendo e Diminuendo.	Identificar e representar graficamente a intensidade dos sons. Identificar auditivamente a dinâmica e diferentes intensidades. Interpretar peças musicais com dinâmica.	«Cânone em Ré Maior». «Cold day in hell». «Legends, Op. 59».	
FORMA	Forma rondó. Forma binária.	Identificar diferentes organizações/formas musicais. Interpretar peças musicais com diferentes formas musicais.	«Gimme hope, Jo'anna». «Rolling in the deep».	

Anexos B.

Material de apoio às aulas lecionadas

Anexo B1. Planificação da Aula nº 1

Planificação da Aula nº 1 – E@D

Turma: Todas as turmas envolvidas na P.E.S

Data: 15/02/2021 a 19/02/2021

Sumário: Tradições de Carnaval em Portugal e pelo Mundo.

Conceito / Tema: Timbre; Carnaval.

Atividade: Visualização de uma Apresentação PowerPoint

Conteúdos	Músicas do Mundo. Investigar diferentes tipos de interpretação escutadas e observadas em espetáculos musicais.
Objetivos	Identificar e distinguir sons do meio ambiente, sons mecanizados, sons produzidos pelo corpo humano e sons vocais. Identificar fontes sonoras convencionais e não convencionais. Mobilizar conhecimentos prévios através do cruzamento de várias áreas do saber.
Atividades	Visualização de uma apresentação em PowerPoint. Leitura dos textos acerca dos temas apresentados. Audição de géneros musicais diversificados a nível do género, estilo e características rítmicas. Realização de um questionário (Kahoot).
Recursos	Internet. Computador. Colunas. Plataforma Zoom Meetings. Apresentação PowerPoint.
Avaliação	Observação direta: compreensão dos conteúdos lecionados e consecução das atividades propostas. Avaliação de um questionário. Avaliação dos diversos parâmetros comportamentais.

B2. Apresentação de Carvanal - PowerPoint

Carnaval pelo Mundo

O carnaval é festejado em várias partes do mundo.

Vamos conhecer alguns sítios...



• **Veneza – Itália**

- O carnaval segue a tradição das festas da antiguidade, tentando reproduzir o estilo dos nobres do Século XVIII.
- A festa popular ocorre na Praça de São Marcos e as pessoas reúnem-se vestidas à moda antiga e com máscaras.
- A mais comum é chamada de “bauta”, máscara branca com o formato de um bico.



- A elite da cidade reúne-se nas próprias casas, com trajes e máscaras luxuosas e os ritmos musicais são a valsa e a tarantela.
- A cidade é visitada por milhares de turistas.

• Nice - França

- Nesta época os carros alegóricos, músicos e bailarinos, percorrem a marginal com muita animação. O ponto alto da festa, são os bonecos gigantes de papel *machê* e a tradicional Batalha das Flores, utilizadas para enfeitar os carros alegóricos, são arremessadas aos foliões. Esta tradição existe desde 1876, quando os carnavalescos desfilavam em carruagens decoradas e trocavam buquets entre si.



• Alemanha - Colónia

- Começa exatamente às 11:11h, do dia 11/11. Começa em novembro e vai até a quarta-feira de cinzas do ano seguinte! Exatamente neste dia e horário, as pessoas param o que estão a fazer, seja em escolas, locais públicos ou de trabalho, e dão o “grito de guerra” dos foliões, representando a abertura do carnaval. Depois disso, as pessoas saem e distribuem doces a quem encontram. Neste período também é comum as pessoas irem trabalhar mascaradas. É considerado o período mais alegre na cidade.



Alemanha- Bona

- Há pelo menos duas tradições bem divertidas no carnaval: a primeira acontece na cidade de **Bona**, onde ocorrem desfiles com pessoas fantasiadas e o mais divertido são as máscaras que os participantes usam, elas não podem ser tiradas, pois a brincadeira é fingir que o diabo fica solto e as pessoas têm que usar máscaras para esconder o rosto.



Curiosidades:

Na Alemanha - no primeiro dia de Carnaval, quem manda são as mulheres! É a chamada quinta-feira das Mulheres (Weiberfastnacht), dia em que andam pelas ruas e cortam as gravatas dos homens. Esta é uma tradição que vem desde 1824.



- **Estados Unidos**

- o desfile ocorre nas ruas, com fantasias simples mas divertidas, relembrando as festas populares.
- Acontece na terça-feira, que é a chamada “terça-feira gorda/ mardi gras”.
- Na cidade de Nova Orleans, as ruas ficam todas enfeitadas e as cores da festa são o verde, o roxo e o dourado.



Portugal - Podence

- Inseridos nas festividades de Inverno, tão características na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, os Caretos de Podence representam imagens diabólicas e misteriosas que todos os anos desde épocas que se perdem no tempo, saem à rua no Carnaval silvando os «Caretos» e seus frenéticos chocalhos bem cruzados nas franjas coloridas de grossas mantas.



Portugal - Lazarim

- Em Lazarim, uma aldeia perto de Lamego, a máscara é feita de madeira de amieiro decorada com chifres e outros apetrechos.
- Os jovens vestem a sua veste e máscara de careto e andam pelas ruas a criar todo o tipo de desordem e a cometer todo o tipo de indiscrições, urrando, gritando, rindo e dançando, ao som de grupos de gaiteiros e zés pereiras.



Portugal – Torres Vedras

- As "matrafonas", sendo um dos símbolos fortes do Carnaval de Torres Vedras. Os grupos de "matrafonas", homens mascarados de mulher, surgem por volta de 1926, segundo testemunho oral. Este é considerado o Carnaval mais "português" de Portugal



- Com características próprias em cada localidade, os carnavais portugueses mais conhecidos são os de Ovar, Estarreja, Madeira, Loures, Nazaré, Podence, Loulé, Sesimbra, Sines, Elvas, Torres Vedras e Canas de Senhorim.



Brasil Rio de Janeiro

- O Carnaval do Brasil é a maior festa popular do país. A festa acontece durante os quatro dias que precedem a quarta-feira de cinzas (início da Quaresma). É referida pelos brasileiros como o "Maior Espetáculo na Terra". Alguns sítios como Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus, Recife-Olinda e Salvador são conhecidas pelos grandes festejos.



- A indústria do Carnaval, o nome dado ao conjunto de atividade para produção de fantasias, adereços e materiais para os carros alegóricos, representa um grande investimento e gera muitos empregos. As escolas de samba investem em matéria-prima, salários e serviços para preparar os seus grupos para o desfile no Sambódromo.



Espero que tenhas gostado de conhecer algumas das tradições de Carnaval pelo mundo

Bom Carnaval!



Anexo B3. Planificação da Aula nº 2

Planificação da Aula nº 2 – E@D

Turma: Todas as turmas envolvidas na P.E.S

Data: 15/03/2021 a 19/03/2021

Sumário: A orquestra e as suas famílias: cordas, sopros de madeira, sopros de metal e percussão. Música Erudita.

Conceito / Tema: Timbre

Atividade: À descoberta da Orquestra

Conteúdos	Instrumentos da Orquestra. Música Erudita.
Objetivos	Identificar e distinguir as famílias dos instrumentos da orquestra: cordas, sopros de madeira, sopros de metal e percussão. Identificar e distinguir auditivamente o som dos instrumentos da orquestra.
Atividades	p. 49 - Apresentação da orquestra, sua constituição e outras curiosidades. pp.50-53 - Apresentação individual das famílias da orquestra e seus instrumentos. Audição dos temas de Harry Potter, O Rei Leão, Star Wars e Indiana Jones, onde cada instrumento, alternadamente, se destaca e de seguida escuta-se a respetiva família. Audição do tema «Missão Impossível», interpretado por todas as famílias da orquestra. Visionamento, na Aula Digital, da animação 3D e vídeos dos instrumentos da orquestra. Exploração do Clique Musical da orquestra, interpretando o tema de Regresso ao futuro: ferramenta multimédia que permite selecionar, escutar individualmente e em conjunto, cada um dos instrumentos.
Recursos	Manual (pp. 49-54). Orquestra 3D e vídeos de 18 instrumentos da orquestra. Aula Digital 20.
Avaliação	Observação direta: compreensão dos conteúdos lecionados e consecução das atividades propostas. Avaliação dos diversos parâmetros comportamentais.

Anexo B4. Planificação da Aula nº 3

Planificação da Aula nº 3 – E@D

Turma: Todas as turmas envolvidas na P.E.S

Data: 22/03/2021 a 26/03/2021

Sumário: Revisões da matéria dada para a avaliação prática.

Conceito / Tema: Avaliativo

Atividade: Seleção e prática

Conteúdos	Músicas trabalhadas no decorrer do período. Práticas necessárias para a execução das músicas selecionadas. O sistema nervoso em contexto de avaliação.
Objetivos	Reconhecer as aptidões e dificuldades pessoais. Controlar o sistema nervoso com a confiança adquirida no estudo dos conteúdos.
Atividades	Audição das músicas selecionadas para a avaliação prática. Seleção das músicas para a avaliação consoante as valências individuais dos alunos. Executar excertos das músicas com base nas dificuldades apresentadas pelos alunos.
Recursos	Manual. Flauta. Internet. Computador. Colunas. Plataforma Zoom Meetings.
Avaliação	Observação direta: compreensão dos conteúdos lecionados e consecução das atividades propostas. Avaliação dos diversos parâmetros comportamentais.

Anexo B5. Planificação da Aula nº 4

Planificação da Aula nº 4 – Ensino Presencial

Turma: Todas as turmas envolvidas na P.E.S

Data: 05/04/2021 a 09/04/2021

Sumário: Música de Conjunto.

Conceito / Tema: Prática musical em conjunto.

Atividade: Tendo como fonte sonora os recursos disponíveis em redor dos alunos, replicar na turma o funcionamento de uma orquestra.

Conteúdos	Fundamentos rítmicos. Fontes sonoras não convencionais.
Objetivos	Consolidar a coesão nas turmas e o espírito de entreajuda. Proporcionar aos alunos, as sensações da prática musical em conjunto.
Atividades	Práticas musicais diversas. Prática musical em Conjunto
Recursos	Todos os que a sala de aula proporcionar.
Avaliação	Observação direta: compreensão dos conteúdos lecionados e consecução das atividades propostas. Avaliação dos diversos parâmetros comportamentais.

Anexo B6. Planificação da Aula nº 5

Planificação da Aula nº 5 – Ensino Presencial

Turma: Todas as turmas envolvidas na P.E.S

Data: 26/04/2021 a 30/04/2021

Sumário: Os instrumentos da orquestra e suas famílias.

Conceito / Tema: Os instrumentos e a sua prática.

Atividade: Execução instrumental.

Conteúdos	Os instrumentos da orquestra e suas famílias.
Objetivos	Conhecer os instrumentos da orquestra e suas famílias.
Atividades	Execução instrumental.
Recursos	Instrumentos musicais.
Avaliação	Observação direta.

Anexo B7. Planificação da Aula nº 6

Planificação da Aula nº 6 – Ensino Presencial

Turma: Todas as turmas envolvidas na P.E.S

Data: 03/05/2021 07/05/2021

Sumário: Forma rondó.

Revisão de conteúdos da unidade.

Música «Gimme hope, Jo’anna».


Conceito / Tema: Forma

Atividade: «Gimme hope, Jo’anna».

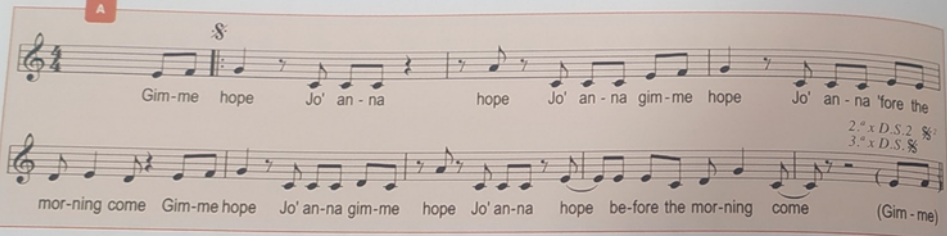
Conteúdos	Forma rondó.
Objetivos	Identificar a forma rondó. Executar a Música «Gimme hope, Jo’anna».
Atividades	Apresentação da forma rondó. Audição da peça «Gimme hope, Jo’anna». Estudo da parte A, com e sem voz guia. Estudo da parte B, com e sem voz guia. Estudo da parte C, com e sem voz guia. Execução integral da música. Revisão dos conteúdos da unidade – Recorda (p. 65)
Recursos	Manual (pp. 64-65) Recursos do Professor – Teste 8. Jogo «Quem quer ser músico?» Jogo do tabuleiro.
Avaliação	Observação direta da prática instrumental. Avaliação instrumental (facultativa). Avaliação dos diversos parâmetros comportamentais.

B8. Partitura – Gimme hope, Jo'anna

e esquema representativo da forma rondó

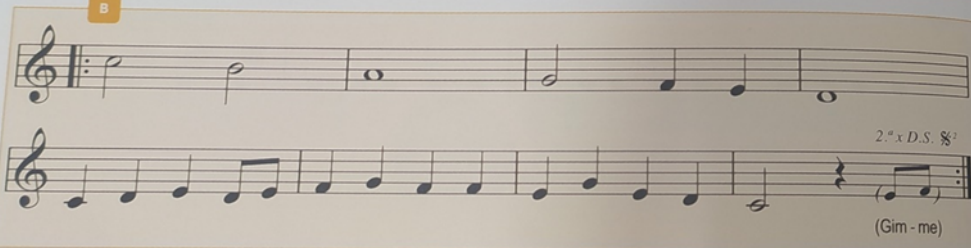
Gimme hope, Jo'anna FORMA: INTRODUÇÃO B A B A C A A  CD3 - 16-17


A



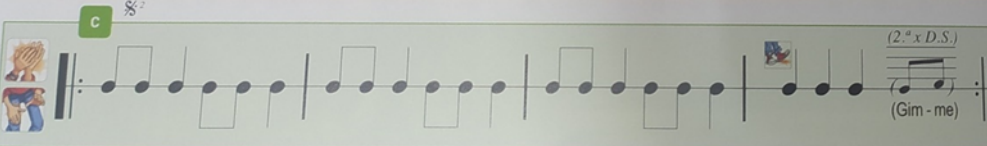
Gim-me hope Jo' an - na hope Jo' an - na gim-me hope Jo' an - na 'fore the
mor-ning come Gim-me hope Jo' an-na gim-me hope Jo' an-na hope be-fore the mor-ning come (Gim - me)

B



2.^a x D.S. 
(Gim - me)

C



(2.^a x D.S.)
(Gim - me)